# UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO

FRANCIELE FERREIRA

LIVRO-REPORTAGEM – RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL

Ribeirão Preto 2021

# UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO

#### FRANCIELE FERREIRA

# LIVRO-REPORTAGEM – RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL

Relatório apresentado à Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Docente: Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos

Ribeirão Preto 2021

#### **Créditos**

## Capa

Paulo Ricardo do Nascimento

# **Fotografias**

Acervo pessoal dos entrevistados

Imagens Google

# Projeto Gráfico e Diagramação

Franciele Ferreira

#### Revisão

Franciele Ferreira

Jefferson Barcellos



#### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço o apoio da minha mãe, Sueli Jaqueta e do meu companheiro Vinícius Oliveira, que estiveram ao meu lado o tempo todo, me encorajaram e ajudaram no que foi preciso.

Ao Paulo Ricardo, responsável por essa capa maravilhosa, rica em detalhes e que conseguiu passar a mensagem desejada.

A querida Michelle Lopes, que me acompanhou desde o início, me apoiando e sempre disposta a colaborar.

Meu orientador, Jefferson Barcellos, responsável por me acompanhar nessa etapa e colaborar com todo seu conhecimento para que fosse possível construir este livro.

Agradeço também, a UNAERP e todos os professores, mestres e doutores na arte de ensinar. A todos que por mim passaram ao longo da graduação, obrigada por compartilharem conhecimento e mostrar o caminho a seguir, vocês fizeram toda a diferença.

É muita gente correndo da morte A única companhia é a sorte Muitos fogem da guerra Outros fogem da fome Levando consigo só o nome Deixando tudo para traz Zuerendo viver em paz Pobres refugiados Zue ver seu futuro em outra nação Mas muitos são odiados Por aqueles que poderiam lhes estender a mão O peito cheio de esperança Deixando para trás a dor e a lembrança Pobrezinhas das nossas crianças.

Ozias Barbosa

### **PREFÁCIO**

Não é de hoje que o ser humano se desloca, seja por necessidade ou por vontade própria. Catástrofes naturais, conflitos e fome são alguns dos motivos que levam uma pessoa a deixar seu país, seus amigos e até mesmo seus familiares, em busca de uma vida melhor.

Este livro retrata o caminho do refúgio ao longo dos anos e os relatos de como é vestir essa camisa, muitas vezes de uma hora para a outra. O objetivo é dar voz aos que não são ouvidos. Aqui é apresentado um afegão, um sírio, um haitiano, uma venezuelana e uma colombiana, todos refugiados, de países distintos, com histórias distintas, mas com algo em comum, vieram para o Brasil em busca de um recomeço e cada um, do seu modo, enfrentou diferentes dores e desafios e hoje fazem de suas cicatrizes motivos para lutarem por dias melhores.

A obra contou também com o conhecimento e a opinião de profissionais e estudantes da causa, bem como, um funcionário da Cáritas brasileira de Roraima, porta de entrada dos venezuelanos ao Brasil, e profissionais da área de relações internacionais, sendo um, especialista em Direito Internacional.

Tem-se aqui um importante instrumento para informar e conscientizar os leitores sobre o real tamanho do problema e sofrimento destas pessoas, além de evidenciar a necessidade de se fazer cumprir políticas públicas inteligentes de acolhimento e integração dos imigrantes e refugiados.

Boa leitura!

#### **RESUMO**

Com base nos dados divulgados no Relatório de Tendências Globais, emitido pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), até o final de 2020, pelo menos 82,4 milhões de pessoas no mundo foram forçadas a se deslocarem. A busca por refúgio é resultado de diversos fatores, como perseguição, conflito, violência ou violação de Direitos Humanos. Entre tantos conflitos, destacou-se a crise humanitária do povo Sírio, no ano de 2015, causando maior visibilidade e atenção ao tema, especialmente após imagens divulgadas pela mídia, como a do garotinho Aylan Kurdi, de apenas 3 anos, encontrado na beira de uma praia na Turquia após se soltar do seu pai em uma travessia desesperada de refugiados ao longo do Mar Mediterrâneo. Imagens tão chocantes quanto esta foram acompanhadas novamente no ano de 2021, só que em função de uma crise política que vem sendo enfrentada pelo povo do Afeganistão, provocada pela volta do grupo Talibã ao controle do palácio presidencial, após 20 anos de afastamento. O desespero tomou conta dos Afegãos, foram milhares de pessoas invadindo aeroportos e arriscando suas vidas na tentativa de deixar o país em busca de refúgio. Diante desse cenário de medo e incertezas que esses cidadãos estão enfrentando diariamente, o presente trabalho, buscou informar e revelar a realidade vivida pelas pessoas em situação de refúgio, sendo elas de países distintos e enfrentando crises distintas. Com isso, espera-se que os leitores compreendam a importância de fazer valer os Direitos Humanos, além do acolhimento e integração dessas pessoas. O tema foi abordado em um livro-reportagem, produto midiático na área da ciência do jornalismo, através de pesquisas bibliográfica e documental, entrevistas com refugiados que vivem no Brasil, especialistas em áreas como Direito Internacional e refúgio, bem como, com um funcionário da Cáritas brasileira. Com isso, foi possível identificar que faltam programas de integração e, principalmente, políticas públicas que facilitem a regularização e a inclusão dessas pessoas, possibilitando um novo recomeço.

Palavras-chave: Refugiados. Conflitos. Direitos Humanos.

#### **ABSTRACT**

Based on data released in the Global Trends Report, issued by the United Nations High Commission for Refugees (UNHCR), by the end of 2020 at least 82.4 million people in the world were forced to move. The search for refuge is the result of several factors, such as persecution, conflict, violence or violation of human rights. Among so many conflicts, the humanitarian crisis of the Syrian people in 2015 stood out, causing greater visibility and attention to the issue after images released by the media, such as the little boy Aylan Kurdi, only 3 years old, found on the shore of a beach in Turkey after breaking free from his father on a desperate refugee crossing the Mediterranean Sea. Images as shocking as this one were followed again in the year 2021, but due to a political crisis that is being faced by the people of Afghanistan, provoked by Taliban group's return to the presidential palace after 20 years of absence. Despair gripped the Afghans, thousands of people invaded airports and risked their lives in an attempt to leave the country searching for refuge. Faced with this scenario of fear and uncertainty that these citizens are facing daily, this study sought to inform and reveal the reality experienced by people in refugee situations, from different countries and facing different crises. With this, it is hoped that readers understand the importance of enforcing human rights, in addition to welcoming and integrating these people. The theme was addressed in a book-report, a media product in the field of journalism science, through bibliographic and documentary research, interviews with refugees living in Brazil, experts in areas such as International Law and refuge, as well as with one of the employees of Brazilian Caritas. Therewith, it was possible to identify that there is a lack of integration programs and, mainly, public policies that facilitate the regularization and inclusion of these people, enabling a new beginning.

**Keywords:** Refugees. Conflicts. Human rights.

# SUMÁRIO

API	RESENTAÇÃO	1
1.	REFÚGIO NO MUNDO	3
1	.1 O REFÚGIO NO BRASIL	4
2.	DETALHAMENTO TÉCNICO	7
3.	SINOPSE FINAL	11
4.	ROTEIRO	11
5.	CRONOGRAMA	12
6.	RELATO DE PRODUÇÃO	13
СО	NSIDERAÇÕES FINAIS	18
REI	FERÊNCIAS	20
API	ÊNDICE - DECUPAGEM DE ENTREVISTAS	22
ΔΝ	EXOS	65

### **APRESENTAÇÃO**

Desde a Antiguidade Clássica as pessoas fugiam de perseguições, de modo que, utilizavam locais sagrados como lugares de acolhimento. Entretanto, só após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o mundo passou a observar pessoas sendo deslocadas forçadamente de seus países, por questões relacionadas a raça, opinião política, religião, nacionalidade, pela grave violação dos Direitos Humanos e guerras (ACNUR, 2020, p.1).

De acordo com o Relatório de Tendências Globais do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), até o final de 2020, pelo menos 82,4 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a se deslocarem. Entre elas, cerca de 26,4 milhões são refugiados, 48 milhões são deslocados internos e 4,1 milhões são solicitantes de refúgio. Desde 2014, ao menos 15 mil pessoas morreram ao tentarem fazer a travessia de países do Oriente Médio e África por meio do Mar Mediterrâneo em direção à Europa, devido ao naufrágio de centenas embarcações irregulares (ONU NEWS, 2020, p.1).

A causa ganhou grande repercussão em 2015, após a divulgação de imagens como a do garoto sírio, Aylan Kurdi (Figura 1), de apenas três anos, o qual escapou das mãos do seu pai numa travessia desesperada de refugiados sírios pelo Mar Mediterrâneo.



Figura 1 - Aylan Kuri, morto por afogamento na Turquia

Fonte: Nilufer Demir (2015).

Apesar do conhecimento mundial em relação ao caos que os refugiados enfrentam através, principalmente, da constante divulgação das mídias, aparentemente, as pessoas ainda estão distantes da real compreensão e conscientização necessária para lidar com tal problemática.

Em algumas situações as pessoas se tornam deslocados internos, isto é, se deslocam dentro do próprio território, mas, em outras, são forçadas a deixarem tudo para trás e ir em busca de um recomeço em outro país. Como exemplo, a crise política e econômica que a Venezuela enfrenta desde 2013, onde milhares de venezuelanos buscaram acolhimento no Brasil, por ser um dos países vizinhos.

Até julho de 2020, mais de 130 mil solicitações de reconhecimento da condição de refugiado por venezuelanos foram registradas no Brasil. As autoridades brasileiras estimam que, aproximadamente, 260 mil venezuelanos vivem atualmente no país (ACNUR, 2020). Além dos problemas enfrentados em seus próprios países, muitos continuam sofrendo, devido à falta de estrutura que encontram nos países onde buscam acolhimento e os desafios culturais que os cercam.

Dessa forma, o presente trabalho abordou o tema em um livro-reportagem, apresentando a história e a evolução do direito ao refúgio no mundo e no Brasil, além de histórias reais, nas quais são relatadas as dificuldades enfrentadas pelas pessoas em situação de refúgio, desde o momento em que deixam seu país de origem até quando chegam em um novo destino.

Além das entrevistas com os próprios refugiados, o livro contou também com o conhecimento e a opinião de profissionais e estudantes da causa, bem como, um funcionário da Cáritas brasileira de Roraima, porta de entrada dos venezuelanos no Brasil. Destaca-se ainda que o uso de muitas imagens foi necessário para proporcionar uma melhor compreensão dessa realidade, já que trata-se de um tema que está distante da realidade de muitas pessoas.

Assim, o livro é um importante instrumento para informar e conscientizar os leitores sobre o real tamanho do problema e sofrimento destas pessoas, além de ressaltar a necessidade em se fazer cumprir políticas públicas inteligentes de acolhimento e integração dos imigrantes e refugiados. Para tanto, o trabalho contou com o uso de três métodos, sendo eles: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas em profundidade.

Na obra Páginas Ampliadas (2004, p. 13), Edvaldo Pereira Lima aponta o livroreportagem como um "extensor do jornalismo impresso cotidiano" realizando um aprofundamento dos temas. Uma alternativa à falta de espaço na imprensa tradicional, proporcionando ao jornalista-autor opções de análise e expressão. Em outras palavras, o autor esclarece que o livro-reportagem

[...] exige a imersão do repórter no cenário sobre o qual escreve, resgata a dimensão humana dos personagens, lança os recursos de linguagem aos extremos da arte de comunicar, transforma a compreensão do mundo (LIMA, 2004, p. 13)

Para Eduardo Belo (2009, p.16) o repórter que deseja se aprofundar em determinado assunto e não encontra abertura no veículo em que trabalha, "deve se aventurar a escrever um livro-reportagem, que se mostra como uma boa alternativa para quem sabe escrever de forma atraente e se dispõe a fazer um bom trabalho de pesquisa e apuração".

#### 1. REFÚGIO NO MUNDO

O termo 'Refugiado' já era utilizado como referência às pessoas deslocadas por diferentes circunstâncias, porém sua internacionalização ocorreu após os acontecimentos mundiais do início do século XX. A violência que atingia grande parte do mundo gerou fluxos em massa de migrantes e refugiados, surgindo a necessidade da criação de uma política internacional para colaborar com a minimização do problema.

A Primeira Guerra Mundial gerou entre 4 e 5 milhões de refugiados, de modo que, muitas dessas pessoas eram apátridas, ou seja, perderam sua nacionalidade de origem porque seu país foi invadido por outro ou, por razões políticas, o governo cancelou sua nacionalidade. Ao final desse período, França, Estados Unidos e outros países vencedores aprovaram o Tratado de Versalhes, conhecido como o principal tratado de paz e criaram a Sociedade das Nações (SDN), que entrou em vigor no ano de 1920, com o objetivo de resolver o problema dos milhões de refugiados deixados pela Primeira Guerra (AFP, 2014).

Já no cenário pós Segunda Guerra, a preocupação dos países aliados com a estabilidade da Europa e a mobilização feita em busca de soluções humanitárias para as cerca de 40 milhões de pessoas deslocadas de seus lugares de origem foram os motivos da mudança na forma de olhar para os refugiados (HOBSBAWM, 1995).

A Europa foi segregada por dois movimentos, político e social, e rapidamente a questão dos deslocados se tornou uma política de maior importância. Nesse contexto, a Organização das Nações Unidas (ONU) teve um papel fundamental com a criação do ACNUR.

Criado em 1950, o ACNUR iniciou suas atividades em janeiro de 1951, com o intuito de ajudar milhões de europeus forçados a abandonarem seus países, principalmente em decorrência da Segunda Guerra Mundial. O trabalho que tem como base a Convenção de 1951, era designado somente à Europa, mas logo foi expandido para além das fronteiras e o mandato que determinava o prazo de três anos teve a cláusula abolida, concluindo-se que seria necessário o manter de vez. Além disso,

Por seu trabalho humanitário, recebeu duas vezes o Prêmio Nobel da Paz (1954 e 1981). Atualmente, a agência conta com quase 12 mil funcionários e está presente em cerca de 130 países com mais de 460 escritórios. Por meio de parcerias com centenas de organizações não governamentais, o ACNUR presta assistência e proteção a mais de 67 milhões de homens, mulheres e crianças. (ACNUR, 2020, p.1)

Hoje, mais de 70 anos depois, o ACNUR continua trabalhando a favor dos refugiados e se mantém por meio de contribuições voluntárias de países, bem como, doações arrecadadas junto ao setor privado e a doadores individuais.

#### 1.10 REFÚGIO NO BRASIL

A evolução do Brasil em relação aos refugiados teve início a partir de 1951, quando foi assinado a Convenção de Genebra sobre o Estatuto dos Refugiados, a qual entrou em vigor em 1961 e seguiu o Protocolo de 1967, que reconhece refugiados além do período da Segunda Guerra Mundial e mais tarde, nativos de qualquer lugar do mundo. Posteriormente, devido a redemocratização do país, em 1985, foram assinados inúmeros tratados e convenções de Direitos Humanos.

Em 1990, iniciou-se uma discussão pública para a aprovação de uma lei que regulamentasse o acolhimento de refugiados no país. Contudo, mesmo sem a existência de uma lei aprovada sobre o tema, o Brasil já recebia refugiados e tinha um

acordo com o ACNUR para acolher mais de mil refugiados vindos da Angola, que enfrentavam uma guerra civil. Diante disso, as entidades religiosas, que haviam tido um importante papel no combate a ditadura e na proteção aos perseguidos políticos, se mobilizaram junto a sociedade civil e conseguiram fazer com que o Brasil aprovasse, em 1997, a Lei nº 9.474, conhecida como a lei Brasileira do Refúgio, que tem importante papel na construção do direito e da política para refugiados no país.

A lei supracitada rege o mecanismo do refúgio, concedendo ou interrompendo a condição de refugiado, além de estabelecer os direitos e deveres dos solicitantes de refúgio e refugiados. Assim, todo indivíduo que deixa seu país de origem por causa de perseguições raciais, religiosas, políticas, problemas com nacionalidade ou até mesmo outras graves violações de Direitos Humanos é considerado refugiado perante a Lei Brasileira de Refúgio.

A partir da aprovação dessa lei, foi criado o Conselho Nacional para os Refugiados (CONARE), que está vinculado ao Ministério da Justiça em Brasília e é responsável por analisar as solicitações de refúgio e decidir quem deve ou não ser reconhecido como refugiado.

O conselho é presidido pelo Secretário Nacional de Justiça e composto por representantes dos ministérios da educação, justiça, relações exteriores, saúde e trabalho, além de um representante da Polícia Federal e um representante da Cáritas, uma organização vinculada à Igreja Católica, que defende os Direitos Humanos e é parte de uma rede que forma a Cáritas Internacional, atuante em ações humanitárias em grande parte do mundo. O ACNUR também possui um assento no CONARE, tendo direito a voz, mas não a voto.

Outra lei brasileira sobre a temática em questão é a Lei de Migração Brasileira (Lei nº 13.445/2017). Esta lei revogou o Estatuto do Estrangeiro, uma legislação da época da Ditadura Militar brasileira, que via o estrangeiro como uma ameaça à segurança do país. Por outro lado, tal lei garante ao migrante diversos direitos e estabelece que a política migratória brasileira deve ser pautada na prevalência dos Direitos Humanos.

Segundo dados divulgados pelo CONARE na 6ª edição do Relatório Refúgio em Números, ao final de 2020, havia no Brasil 57.099 pessoas refugiadas reconhecidas. Sendo que, apenas em 2020, foram feitas 28.899 solicitações de refúgio e 26.577 pessoas foram reconhecidas pelo conselho. Com isso, observa-se

que, apesar da causa ter se destacado após ondas migratórias marcantes, com o passar dos anos o tema parece novamente esquecido pelo mundo.

Diante disso, o presente trabalho buscou retratar o cenário da grande crise humanitária causada pelo movimento migratório, através do produto midiático livro-reportagem. O gênero jornalístico foi escolhido por possibilitar espaço para um conteúdo maior e com riqueza de detalhes, já que trata-se de um tema amplo. Assim, o livro abordou a realidade de refugiados de diferentes países, mas com algo em comum, situações extremas que os levaram a abandonarem suas casas, famílias e amigos em busca de uma vida mais digna longe de casa.

O conteúdo tem como objetivo apresentar a história e a evolução do refúgio no mundo, bem como dar voz aos que não são ouvidos e conscientizar os leitores de que sempre é possível melhorar as políticas públicas, minimizar o preconceito enraizado e a desinformação, reconhecendo que a luta do outro deve ser de todos.

Para apresentar a real situação vivida por elas, foram ouvidos relatos e histórias de refugiados que vivem no Brasil, os quais contaram como foram recebidos no país, as principais dificuldades que encontraram ao chegar e como foi recomeçar. Além disso, escutou-se também profissionais que trabalham na causa e estudiosos do tema.

Diante do que já foi apresentado, fica evidente que cada vez mais tem se tornado necessário falar sobre a realidade dos migrantes e refugiados, sobretudo, por se tratar de um tema totalmente relacionado as questões que envolvem os Direitos Humanos. Esses grupos de pessoas vivem como se fossem destinadas a sofrerem, pagando o preço pela ganância humana, afinal, esta é uma das grandes responsáveis pelos conflitos e destruições que os obrigam a deixarem suas vidas para trás.

Como se não bastasse todo o sofrimento que essa gente enfrenta durante a vida, quando finalmente conseguem fugir para outro país se deparam com vários tipos de preconceitos, descaso, falta de oportunidades de trabalho, educação e entre tantas outras dificuldades para que possam de fato legalizarem sua estadia e recomeçarem suas vidas. Muitos migrantes e refugiados são esquecidos pelo governo e até mesmo pela população, alguns dependem de abrigos, outros se submetem a trabalhos que não condizem com suas qualificações, são explorados e inferiorizados.

Dessa forma, o livro refere-se a um importante instrumento para conscientizar os leitores sobre o real tamanho do problema e sofrimento dessas pessoas,

baseando-se em discussões e reflexões de especialistas e de refugiados, que compartilharam informações e vivências capazes de proporcionar mudanças na forma como o assunto é enxergado. Mostrando a realidade enfrentada pelas 82,4 milhões de pessoas deslocadas pelo mundo, através de um sírio, um afegão, um haitiano, uma venezuelana e uma colombiana, pessoas vindas de países distintos e com histórias distintas, mas que se cruzam pela dor.

O trabalho destina-se a pessoas que buscam conhecer ou até mesmo se envolver nas questões dos Direitos Humanos que giram em torno dos refugiados no Brasil e no mundo. Com isso, tem-se que o público principal é composto por pessoas acima dos 16 anos, que fazem uso diário da internet, que possuam o hábito da leitura e até mesmo os próprios refugiados que buscam conhecer histórias em comum. O livro-reportagem também se apresenta como uma relevante fonte de informação para pessoas engajadas em política nacional, internacional e em causas sociais, logo, sem distinção entre homens e mulheres.

#### 2. DETALHAMENTO TÉCNICO

Com base no tema amplo, nos depoimentos e fotografias coletadas, o produto midiático produzido foi um livro-reportagem documental. O livro permite ao autor mais autonomia, maior espaço para compartilhar todo o material coletado, bem como nos proporciona as informações, notícias e histórias para além das páginas de jornais, revistas e meios eletrônicos.

Este tipo de obra amplifica os assuntos abordados nos veículos de comunicação e dão novo olhar para temas que foram pouco explorados. Brito e Nascimento Neto (2010) destacam que, profissionais de perfil inovador investem no livro-reportagem pela diversidade de possibilidades que ele permite. Já Rocha e Xavier (2013) afirmam que as ligações entre passado e presente integram as vivências do historiador e do jornalista. "O livro-reportagem, por sua vez, pode estar no meio dos dois interesses, é menos abrangente que o do historiador, mas mais amplo do que o do jornalista, pelo menos aquele dedicado ao noticiário." (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 145).

Para complementar o conteúdo escrito, o destaque do trabalho também está na capa criativa e desenhada pelo também estudante de jornalismo, Paulo Ricardo do Nascimento. A capa em amarelo e preto contém imagens que marcaram o refúgio no mundo, como a do garoto sírio encontrado na beira de uma praia na Turquia, após se soltar de seu pai em uma travessia. As imagens em preto e branco são para remeter ao luto e tristeza, e do outro lado, em amarelo forte, destaca-se uma mãe com seu filho nos braços, remetendo a mensagem do livro, "O Recomeço". Inicialmente o livro ficará disponível na plataforma Issu, podendo futuramente ser impresso.

O produto conta com o tamanho de 160x210cm, com 93 páginas redigidas em terceira pessoa e divididas em três capítulos. No primeiro capítulo tem-se a contextualização da história e evolução do refúgio no mundo.

No segundo capítulo é apresentado histórias sobre como o Brasil enfrenta a crise do refúgio e quais são as políticas de acolhimento, além de tratar da grande importância das Organizações Não-Governamentais (ONGs) na luta pela inserção dos refugiados e imigrantes no país.

O terceiro e último capítulo trouxe histórias reais, contadas por cinco refugiados de países distintos, mas com histórias em comum, pois todos foram obrigados a deixarem seus países em busca de sobrevivência ou de uma vida mais digna.

Os entrevistados que compartilharam suas histórias e conhecimentos no livroreportagem *Recomeçar: histórias e relatos de refugiados que vivem no Brasil*, se
dividem em duas categorias, sendo elas: especialistas, composta por professores
universitários e membros de instituições que prestam apoio às pessoas em situação
de refúgio; e refugiados, pessoas vindas de países distintos que relatam sobre a real
vivência dos refugiados no Brasil, especialmente em relação ao acolhimento e
oportunidades.

A primeira profissional entrevistada foi Tamires Aparecida Ferreira Souza, coordenadora do curso de Relações Internacionais da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Tamires é doutora em Relações Internacionais, integra o Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES) e colaborou com o conteúdo falando sobre o refúgio no mundo, compartilhando todo o conhecimento adquirido sobre a história do Afeganistão e a situação que recentemente chamou a atenção para o país.

O segundo profissional entrevistado foi Danilo Garnica Simini, advogado, docente na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) e doutorando em Ciências Humanas e Sociais. Atualmente, Danilo é também membro da Comissão de Relações Internacionais da OAB de São Paulo (SP). Assim, ele compartilhou informações e conhecimentos acerca do Direito ao refúgio no Brasil, atuando como professor de Direito Internacional o entrevistado agregou muito ao trabalho trazendo importantes informações sobre as leis de acolhimento existentes e a evolução do Direito dos refugiados no Brasil.

O terceiro profissional entrevistado foi Raphael Douglas Macieira dos Santos, engenheiro civil e Coordenador Nacional do Projeto Orinoco em Roraima, desenvolvido pela Cáritas brasileira. Raphael colaborou com informações sobre seu trabalho junto a Cáritas, além de compartilhar experiências vivenciadas junto as pessoas em situação de extrema pobreza, principalmente os refugiados venezuelanos, já que Roraima é a porta de entrada para eles no Brasil.

Dando início as entrevistas com os migrantes e refugiados, que vieram para o Brasil em busca de um recomeço, o primeiro entrevistado foi Omar Atbayee. Veio do Afeganistão aos 11 anos de idade, presenciou a Guerra Civil no seu país em 1996, motivo pelo qual sua família buscou refúgio. Hoje, com 30 anos de idade, Omar vive em Porto Alegre com a mãe e duas irmãs. O pai, que não se acostumou com o Brasil, voltou para o Afeganistão e mantem a família informada sobre a atual situação do país após a volta dos Talibãs ao poder.

O segundo entrevistado foi Abdulbaset Jarour, um ativista sírio, vindo de Alepo, uma linda cidade com mais de 11.800 anos, onde vivia Abraão. Abdul fugiu da Síria aos 24 anos de idade, após o início da guerra que se estende até os dias de hoje e destruiu sua cidade. Desde então, vive na capital paulista e traz uma forte história de dor e superação. Atualmente, com 31 anos de idade é ativista e palestrante, e luta incansavelmente pela causa dos imigrantes e refugiados no país. Abdul também é Coordenador da Copa dos Refugiados, foi consultor da novela da rede globo Órfãos da Terra e dos filmes Alepo e Ausentes, além de ser nomeado, em 2020, como Consultor da Comissão Especial de Relações Internacionais da OAB do Estado de SP e, em 2021, Coordenador da Comissão de Direitos Humanos dos Imigrantes e combate a xenofobia do governo do Estado de SP, que compõe 12 nacionalidades.

O terceiro entrevistado foi Chidelson Philippe, um haitiano intelectual de 24 anos, que vive em Porto Alegre. Os pais de Philippe queriam que os filhos tivessem a oportunidade de estudar, o que está cada vez mais difícil de acontecer no Haiti, então vieram para o Brasil, recomeçaram do zero e só depois os trouxeram. Apesar de poder contar com a estrutura familiar, diferentemente da grande maioria dos imigrantes e refugiados, Philippe abraçou os esforços dos pais, enfrentou a dificuldade com o idioma, conseguiu trabalho, prestou o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e hoje está cursando Relações Internacionais. Ainda tão jovem, também ocupa a Vice-Presidência da Associação da Integração Social (AINTESO), trabalhando na defesa dos direitos dos imigrantes e refugiados e na busca pela inclusão dos mesmos na sociedade brasileira. Com o apoio da universidade e dos professores, Philipe também escreveu o livro "Um outro oceano", composto por poemas que abordam as constantes aflições de quem tanto almeja estar em outras terras e precisa lidar com os sentimentos de ter deixado tudo para trás.

A quarta entrevistada foi Migueliz Nazareth Vásquez Alvarez, publicitária venezuelana que vive em Rolim de Moura, no Estado de Rondônia. Migueliz e seu marido vieram para o Brasil em 2017, fugindo da crise política, econômica e humanitária que o país enfrenta há anos. O casal escapou por pouco de um ataque da guarda nacional contra manifestantes opositores do governo Maduro em 2016 e decidiram que não poderiam mais viver ali. Vivendo no Brasil há quatro anos, Migueliz conta como foi se adaptar no país, fala também da xenofobia com os venezuelanos, que é muito forte na região onde vive, e também compartilha as dificuldades que encontraram no caminho, principalmente com a chegada da pandemia.

Por fim, a quinta e última entrevista foi com Manuela Hernández Solano, colombiana que veio para o Brasil aos 4 anos de idade. Sua mãe veio passar as férias na casa da irmã em São Paulo e coincidiu com uma drástica piora na situação política da Colômbia, além de seu pai sofrer ameaças e necessitar deixar o país. Com isso, a mãe dela decidiu não voltar e aos poucos conseguiu trazer as filhas e o marido. Manuela, que hoje é atriz independente e vive no Maranhão, trouxe para o livro uma visão diferente dos demais entrevistados, uma vez que ela veio para o Brasil ainda muito pequena e de início a família foi acolhida pela tia, mas, mesmo com uma história menos comum entre os refugiados, a jovem passou por um longo processo até encontrar sua real identidade, já que a família trazia lindas histórias do seu país, mas

que ela não se lembrava de ter vivido. Enquanto crescia no Brasil também não se identificava como brasileira, tinha dificuldades para se socializar e passou por um longo caminho até conseguir se inserir.

#### 3. SINOPSE FINAL

Não é de hoje que o ser humano se desloca, seja por necessidade ou por vontade própria. Catástrofes naturais, conflitos e fome são alguns dos motivos que levam uma pessoa a deixar seu país, seus amigos e até mesmo seus familiares, em busca de um recomeço.

O livro cujas personagens protagonistas são pessoas que vivenciaram a dor de serem forçadas a vestir a camisa do refúgio, apresenta a história de cinco refugiados de países distintos e que vivem no Brasil. Foram ouvidos um sírio, um afegão, um haitiano, uma venezuelana e uma colombiana. A obra também contou com o conhecimento de profissionais da área de relações internacionais, sendo um especialista em direito internacional, colaborando com a contextualização da história e da evolução do direito ao refúgio, além de um funcionário da Cáritas.

Tais histórias permitirão compreender e refletir sobre as crises humanitárias responsáveis por deslocar milhares de pessoas, além de evidenciar o dever que todos têm em abraçar a causa.

#### 4. ROTEIRO

O livro é composto por 93 páginas, distribuídas em três capítulos.

CAPÍTULO 1 - A história e a evolução do direito ao refúgio: aqui é abordado a história e a evolução do refúgio no mundo, desde a Segunda Guerra Mundial, quando de fato as pessoas notaram que algo precisaria ser feito a favor das pessoas forçadas a fugirem dos seus países de origem. O capítulo traz imagens de momentos marcantes envolta do tema refúgio no mundo, como os campos de concentração e um dos naufrágios no mar mediterrâneo, no qual milhares de pessoas foram mortas entre 2015 e 2016. Também foi abordado a importância do trabalho do ACNUR, um

dos órgãos mais atuantes da ONU, agindo diretamente na proteção dos migrantes forçados, além de dados sobre o refúgio no mundo-

CAPÍTULO 2 - O acolhimento de migrantes e refugiados no Brasil: este capítulo relata a atuação do Brasil envolta da crise enfrentada por refugiados e imigrantes desde a era Vargas até os dias de hoje. Assim, foram destacadas as leis brasileiras de refúgio e imigração, bem como, o Conselho Nacional para os Refugiados (CONARE), responsável por analisar as solicitações de refúgio e decidir quem deve ou não ser reconhecido como refugiado. O capítulo também defende a importância do trabalho das ONGs em apoio a causa, trazendo como referência a Cáritas brasileira de Roraima, em especial o "Projeto Orinoco: águas que atravessam fronteiras", projeto de água, saneamento e higiene (WASH), coordenado por Raphael, um dos entrevistados.

CAPÍTULO 3 - Histórias e relatos de refugiados que vivem no Brasil: o último capítulo conta com a apresentação da história de cinco refugiados de países distintos que hoje vivem no Brasil, sendo eles, um sírio, um afegão, um haitiano, uma venezuelana e uma colombiana. Foram narradas histórias reais, vivenciadas por eles, um pouco da história do país de cada um e também relatos de como vivem e como foram recebidos no Brasil. Para uma maior aproximação com o leitor, foram disponibilizadas imagens do arquivo pessoal de cada um dos entrevistados.

#### 5. CRONOGRAMA

Tabela 1 - Cronograma das atividades

ATIVIDADE	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
Introdução	Х	Х			
1ºCapítulo		Х	Х		
Entrevistas			Х	Х	
2ºCapítulo			Х	Х	
3ºCapítulo				Х	Х
Produção e revisão do relatório					Х
Finalização					Х

Fonte: Da autora, 2021

### 6. RELATO DE PRODUÇÃO

Desde o início sempre quis escrever um livro-reportagem, mas para desenvolver um trabalho de tamanha importância seria necessário falar sobre algo pelo qual eu me interessasse e que fosse relevante. Pelo fato de ser uma pessoa apaixonada por viagens, conhecer histórias, culturas e pessoas, logo pensei em falar sobre imigrantes e refugiados, tema que está totalmente ligado à minha paixão, conhecer pessoas por trás das fronteiras. Além do mais, já havia sugerido o tema para o projeto DOC, porém na votação ficou em quarto lugar e por pouco não trabalhamos ele em imagens. Então, por que não escrever? O livro sempre foi minha opção por me proporcionar liberdade para contar da forma como eu desejasse, trazendo um pouco de mim em cada detalhe e também ter espaço para tratar do assunto com profundidade.

Em agosto de 2021, o tema já estava definido, mas algo aconteceu e me confirmou que realmente eu estava no caminho certo. O mundo acompanhou o Afeganistão em todos os noticiários possíveis, com a volta do Talibã ao poder 20 anos depois. As imagens eram assustadoras e chamaram a minha atenção, o povo entrou em desespero e tentava fugir do país a qualquer custo, inclusive se pendurando do lado de fora de aviões. Eu queria entender aquilo tudo, o porquê de tanto pavor e então busquei conhecer a história do país. Não passava pela minha cabeça entrevistar um afegão, até porque no Brasil existem poucos, mas ali eu me vi na obrigação de trazer o assunto, já que aquela era, possivelmente, mais uma crise humanitária migratória.

Comecei a pesquisar a história e descobri que aquele era um retrocesso muito grande para o país, já que o talibã é conhecido por um histórico de desrespeito aos Direitos Humanos e de perseguição às minorias e mulheres. Até que fui informada sobre uma professora da minha universidade que estudou o assunto e poderia me ajudar a compreender melhor. Então, fui em busca e consegui a entrevista com a Tamires Souza, coordenadora do curso de relações internacionais, a qual trouxe informações que complementaram tudo o que eu havia estudado sobre o país.

Em meio a muitas buscas encontrei o Omar, um afegão que vive no Brasil desde os 11 anos de idade e estava em diversas matérias relevantes sobre o tema estampado em todos os veículos de comunicação possíveis. Busquei pelo nome até

encontrar suas redes sociais e então solicitei que me fornecesse uma entrevista, sem muita expectativa, já que ele estava estampado em grandes jornais. Omar se mostrou uma grande pessoa e foi muito atencioso, me concedeu a entrevista e me contou um pouco sobre como foi quando veio para o Brasil, em 1996, quando pela primeira vez o grupo Talibã esteve no poder. Seu pai que não se acostumou com o Brasil, voltou para o Afeganistão e mantém o técnico de informática informado sobre a situação do país. Essa história me empolgou, afinal não é tão fácil encontrar um afegão no Brasil e muito menos disposto a falar ou que entenda o português, foi um achado, mas que aconteceu graças ao meu esforço e determinação.

A situação do Afeganistão mudou totalmente o direcionamento do meu trabalho, pois, antes trataria do tema somente no Brasil, mais especificamente no Estado de São Paulo, onde se concentra grande parte dos refugiados que vivem no país. Mas, mediante isso eu senti que poderia tratar o tema de maneira mais ampla e então segui buscando fontes.

Em meio as minhas constantes buscas as coisas foram acontecendo, encontrei pessoas incríveis e com histórias mais incríveis ainda. Outro entrevistado foi Chidelson Philippe, também o encontrei através das redes sociais, afinal estávamos enfrentando uma pandemia. Philippe, como gosta de ser chamado, é um jovem haitiano e intelectual, que se viu sem perspectivas no seu país. Os pais de Phileppe queriam que os filhos conseguissem estudar e então deixaram o Haiti e vieram para o Brasil, recomeçaram do zero até que conseguiram trazer todos os filhos. Mesmo com uma história envolta de um certo amparo familiar e vindo para o Brasil sabendo que teria onde dormir e o que comer, diferentemente da maioria dos refugiados, a história de Philippe me chamou a atenção por ser tão jovem e já ocupar a vice-presidência da Associação da Integração Social (AINTESO), participando ativamente da causa, além de já ter escrito um lindo livro com poemas, onde aborda as aflições de quem deseja estar em outras terras e precisa lidar com o que deixa para trás.

Depois conheci a Leonor Solano, uma colombiana que vive no Brasil há muitos anos. Conversamos através de uma videochamada e pude conhecer mais uma história incrível de garra e determinação. Leonor foi muito importante, porque ela me mostrou um outro lado que poderia ser abordado quando me disse que seria bacana que eu falasse com sua filha, a qual tinha um outro olhar sobre o tema. Manuela tinha apenas quatro anos quando veio para o Brasil e pouco se recordava do seu país, mas

também não conseguia se integrar aqui, não se sentia como parte do Brasil. A jovem passou por uma crise de identidade, onde levou muitos anos para conseguir se identificar. Então, trouxe também a experiência de Manu para o meu livro.

Além do professor e advogado Danilo Simini que também colaborou com seu conhecimento sobre o direito ao refúgio no Brasil, encontrei Migueliz, uma venezuelana que veio com seu marido para o Brasil fugindo da crise econômica e política enfrentada pela Venezuela. Ela contou que estava cada vez mais comum ver pessoas comendo restos de lixo e pensava que logo poderia ser a próxima. Nas palavras dela: "Muita gente estava morrendo de fome, muitas vezes indo para o trabalho via pessoas comendo comida do lixo. Então, falei para meu marido que precisávamos ir embora, que amanhã poderia ser nós procurando comida no lixo, porque ganhávamos pouco trabalhando com publicidade, já estávamos comendo mal, duas vezes somente para poder comer o resto da semana".

Ela e o marido passaram pelo Estado de Roraima e hoje vivem em Rondônia, regiões onde se concentram grande número de venezuelanos e muitas reclamações dos moradores. Ela contou que por lá vivem muitos venezuelanos que vieram para o Brasil para bagunçar e aprontam muito com a população, sendo assim, os bons acabam pagando o preço, a velha história da laranja podre. Achei importante trazer o relato de alguém da Venezuela, pois o Brasil é o país com o maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina.

Para complementar, após ouvir todos os entrevistados falarem da Cáritas, um organismo católico, vinculada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que tem um atendimento direcionado a população em vulnerabilidade, geralmente em processo de exclusão social, o que inclui a população migrante e refugiado, decidi que seria necessário ouvir um funcionário ou voluntário da organização, mas também não é algo tão simples. Então, depois de ligações, e-mails e mensagens, consegui o contato do Raphael, engenheiro civil que coordena o Projeto Orinoco, no Estado de Roraima, bem na fronteira com a Venezuela. O projeto de água saneamento e higiene, que leva o básico para essas pessoas em situação de extrema pobreza.

A cada entrevista que eu fazia, quanto mais me aproximava do assunto, mais eu tinha certeza da relevância de abordar o tema para que todos pudessem conhecer essas histórias assim como eu estava conhecendo e me comovendo. Por fim, eu ainda

sentia a necessidade de ouvir um sírio, já que ocupam o segundo maior número de refugiados que vivem no Brasil, ficando atrás somente da Venezuela.

Não foi nada fácil, o primeiro não me respondeu, o segundo ficou de ver uma data para conversarmos e nunca conseguia, até que a Manuela, uma das entrevistadas, a qual participou por um tempo dos eventos de integração do Serviço Social do Comércio (SESC) para refugiados, me indicou um conhecido. Logo mandei mensagem no WhatsApp e ele pediu que mandasse tudo por e-mail, assim eu fiz, mas não fazia ideia de quem era o rapaz e nem da sua história. Depois de alguns dias, eu já sem esperanças, ele entrou em contato e disse que toparia e que poderíamos agendar a entrevista. É importante ressaltar que, por trás dessas pessoas existem histórias fortes, que muitas vezes causam traumas, então muitos têm receio de falar ou quando falam têm muito cuidado.

O rapaz sírio é Abdulbaset Jarour, a entrevista mais surpreendente e que precisei me controlar para não demonstrar o quanto me comoveu, os olhos enchiam de água o tempo todo. A entrevista estava marcada para às 20horas, mas iniciamos quase às 23horas, ele é muito ocupado e me ligou pedindo para que mudássemos o horário, pois ainda estava no trânsito e necessitava de um tempo para chegar em casa e se preparar. Valeu a pena cada segundo de espera.

Abdul, além de ter me contado a história mais triste que já ouvi em toda minha vida, me trouxe riqueza de detalhes do seu país, um país cheio de histórias, onde viveu Abraão, mas que hoje está em ruinas. É muito difícil ouvir sua história e não se emocionar. Uma de suas frases não sai da minha cabeça é: "O Abdulbaset Jarour, morreu na Síria e nasceu no Brasil, com barba, aprendendo a falar e a andar. Tudo que passei, com certeza não me deixou só mais forte, mas muito sólido, eu renasci".

A guerra na Síria já ultrapassa o período de 10 anos e foi ela quem separou toda a família de Abdul. O pai sumiu e nunca mais souberam notícias, uma irmã foi atingida por uma bomba e perdeu a perna e o marido dela foi atingido e morto. Depois disso, cada irmão fugiu para onde conseguiu e hoje vivem em países distintos, mas as perdas não pararam por aí. Diante de tanta dor, tantos traumas e tantos medos, Abdul traz uma história de superação, chegou ao Brasil praticamente sem nada, somente com suas economias, que não eram muita coisa. Ele recomeçou do zero, sozinho e sem falar o idioma. Em uma de nossas conversas ele me questionou: Já imaginou você agora, de uma hora para a outra, embarcar para o Egito sozinha,

chegar lá e não falar nem entender uma só palavra, totalmente perdida? Eu não tive palavras para responder. Então ele afirmou: "Esse é o caminho do refúgio, vesti a camisa de refugiado e tive que assumir essa situação".

Hoje ele é um ativista da causa dos imigrantes e refugiados conhecidos na grande São Paulo, abriu empresa, é palestrante, foi consultor de uma grande novela da rede globo chamada Órfãos da Terra, dentre tantos outros títulos de grande importância na causa. "Essa é uma história de perseverança, de superação, de uma dor que me transformou para eu poder ajudar outras pessoas", disse ele.

Após ouvir cada uma dessas histórias, eu também renasci, não sou mais a mesma, mudei minha forma de enxergar o mundo e as pessoas e quero poder colaborar de alguma maneira e me integrar mais na causa, pois a lição que todos me deixaram é que a luta do outro tem que ser nossa.

Para finalizar, não poderia deixar de mencionar a importância da estrutura e o apoio oferecido pela UNAERP durante a execução desse e de outros trabalhos, bem como, cada docente que cruzou o meu caminho durante a graduação. Me lembro de quando era pequena e passava junto com minha mãe na porta da UNAERP, sempre dizendo que quando crescesse estudaria ali.

Me matriculei em 2012 no curso de jornalismo, no qual segui durante três anos, mas ainda jovem e imatura, após a morte do meu pai, desisti de tudo e tranquei a graduação. Em 2020, depois de cinco anos, resolvi que precisaria voltar e terminar o curso antes que fosse tarde. Hoje, muito mais madura, consegui aproveitar cada aula, fazendo com que esses dois anos valessem muito a pena.

Nessa jornada, cada docente me ensinou algo especial, todos possuem um grande acervo de conhecimento que merece ser compartilhado e, de certa forma, participaram e fizeram parte da conclusão desse trabalho. Em especial, gostaria de citar a Flávia Martelli, que esteve comigo em 2012 e me acolheu com muito carinho na minha volta. Ela conseguiu fazer com que eu vencesse a timidez de uma forma tranquila, com toda a paciência do mundo e sempre disposta a ajudar.

O Gil, que também me acolheu e sempre ofereceu ajuda, que compartilhou toda a sua experiência envolta do áudio e, assim como a Flávia, conseguiu fazer com que as aulas práticas dessem muito certo no *on-line* também.

A Daniela Tincani, que teve extrema importância para que todos conseguissem chegar à etapa final, com toda paciência e carinho para ensinar e guiar cada passo técnico e burocrático, no momento onde todos se sentiam perdidos.

O Rafael Martins, um querido e que colaborou demais para o conteúdo técnico e escrito, puxando a orelha com todo carinho em cada erro de português.

O João Flávio de Almeida, que me fez, por muitas vezes, sair de órbita prestando atenção nas suas aulas complexas, de muito aprendizado. Ele nasceu para ensinar.

E não poderia deixar de falar da Sandra Molina, a que traz o choque de realidade sobre a vida e as questões sociais, ela é conhecimento da cabeça aos pés e foi muito importante não só para mim, mas para todos que cruzaram seu caminho, abrindo nossa mente para o mundo e para os problemas que existem aqui fora tentando plantar a sementinha para que todos sejam mais humanos. Agradeço também a todos os demais docentes, cada um foi essencial nessa jornada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O propósito do trabalho era a criação de um livro-reportagem no qual seria abordado a questão do refúgio no mundo, além da maneira como o Brasil atua diante das crises migratórias e o que pode ser mudado para a obtenção de melhorias, através do olhar de especialistas de áreas como relações internacionais, membros de entidades de apoio e dos próprios refugiados que vivem no país, a fim de trazer informações e reflexões sobre a real situação dessas pessoas. O objetivo do trabalho foi alcançado.

É notável a falta de um olhar mais humanizado para a população refugiada, além da falta de investimento para apoiar os mesmos. Em meio a tantas frustrações, dores e perdas, essas pessoas chegam no novo país e, na maioria das vezes, não encontram amparo político, não conseguem se regularizar diante das tantas burocracias e acabam sendo exploradas pelo mercado de trabalho. Também foi possível notar a falta de informação e conhecimento das pessoas com relação ao tema e as diferenças culturais, o que causa a xenofobia, grande inimiga para os que estão em busca de um recomeço.

Ao aprofundar no assunto e ao ouvir cada entrevistado, ficou claro o quanto é importante trazer a questão para o máximo de pessoas possíveis, porque a dor do outro também pode ser nossa, afinal, qualquer pessoa pode, um dia, se encontrar na mesma situação. O conteúdo abordado cumpriu o objetivo de apresentar a causa, fazendo com que, quem tenha acesso a leitura do produto mencionado reflita sobre os problemas e desafios a eles (os refugiados) impostos devido a sua raça, religião, nacionalidade, classe social e opinião política, bem como, passe a ter consciência de que sempre é possível melhorar as políticas públicas, minimizar o preconceito enraizado e a desinformação, reconhecendo que a luta do outro também deve ser nossa.

#### **REFERÊNCIAS**

ACNUR. Brasil reconhece mais 7,7 mil venezuelanos como refugiados. 2020, p.1. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/2020/08/28/brasil-reconhece-mais-77-mil-venezuelanos-como-refugiados/ Acesso em: 14 jun. 2021.

ACNUR. **Direitos e deveres dos solicitantes de refúgio no Brasil.** 2018. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Direitos-e-deveres-dos-solicitantes-de-ref%C3%BAgio-no-Brasil\_ACNUR-2010.pdf Acesso em: 15 out. 2021.

ACNUR. Relatório do ACNUR mostra que travessias no Mediterrâneo matam mais do que nunca. 2018. Disponível em:

https://www.acnur.org/portugues/2018/09/03/relatorio-do-acnur-mostra-que-travessias-no-mediterraneo-matam-mais-do-que-nunca/ Acesso em: 28 mai. 2021.

AFP. A primeira guerra mundial em números. **Estado de Minas Internacional.** 2014. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2014/06/28/interna\_internacional,54 2894/a-primeira-guerra-mundial-em-numeros.shtml Acesso em: 08 set. 2021.

BELO, E. Livro-reportagem. São Paulo: Contexto, 2006.

BRITO, R. R. de; NASCIMENTO NETO, F. R. do. Livro-reportagem: uma análise da prática da grande reportagem nos projetos experimentais do curso de jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP). **Congresso de Ciências da Comunicação (Intercom)**, XII, 2010. Disponível em:

http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0544-1.pdf Acesso em: 22 nov. 2021.

CÁRITAS BRASILEIRA ORGANISMO DA CNBB. **História.** 2021. Disponível em: https://caritas.org.br/historia Acesso em: 26 out. 2021.

Dados sobre refúgio. **Acnur Brasil.** jun. 2021, p.1. Online. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/ Acesso em: 10 set. 2021.

HOBSBAWN, E. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Edvaldo P. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Editora Manole, 2004.

NILUFER DEMIR. Imagem retrata 'grito de um corpo silencioso', diz autora de foto do menino sírio. **Veja**, 2015. Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/imagem-retrata-grito-de-um-corpo-silencioso-diz-autora-de-foto-do-menino-sirio/ Acesso em: 17 jun. 2021.

ONU NEWS. **Mais de 20 mil migrantes morreram em travessias no Mediterrâneo desde 2014.** 2020. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706451 Acesso em: 08 set. 2021.

PORTAL CONSULAR. **Refúgio no Brasil.** 2020. Disponível em: http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/refugio-no-brasil Acesso em: 15 jun. 2021.

ROCHA, P. M.; XAVIER, C. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Revista Rumores**, São Paulo, v. 7, p. 138-157, 2013. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434 Acesso em: 22 nov.2021.

RODRIGUES, G. Refugiados: **O grande desafio humanitário**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2019.

RODRIGUES, V. Direitos Humanos e Refugiados. Curitiba: CRV, 2016.

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; COSTA, L. F. L; MACEDO, M. **Refúgio em Números**, 6ª Edição. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/refugio-em-numeros Acesso em: 15 out. 2021.

#### **APÊNDICE - DECUPAGEM DE ENTREVISTAS**

**Tamires Aparecida Ferreira Souza**: Bacharel e Doutora em Relações Internacionais, Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais e Coordenadora do curso de Relações Internacionais da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP).

Você acredita na ideia de que hoje as pessoas estão mais interessadas no tema devido a exposição da mídia sobre a realidades dos refugiados, como em 2015 quando ocorreu a crise humanitária do povo Sírio e as imagens chocaram o mundo?

Sim, acredito que a mídia teve um papel muito importante para divulgar essa situação e também pelo fato dos países europeus terem sido afetados. Os países grandes do ocidente, Alemanha, França, Reino Unido, sempre acaba comovendo as américas como um todo, a gente se sente de alguma forma compadecidos com essa situação, mas, infelizmente apesar da gente ter maior conhecimento sobre o tema, da gente entender melhor, ter uma maior compreensão sobre o que está acontecendo, ainda assim eu acredito que é algo distante, por exemplo, o caso da Venezuela, está aqui do lado e a gente vê um movimento de xenofobismo, um movimento contrário, mas a gente olha para a Europa e acha bonito ele estarem recebendo as pessoas do oriente médio, então assim, eu acredito que sim, mas com ressalvas. Tenho uma amiga que trabalha na região da fronteira de Roraima e recebem quantidade expressiva de Venezuelanos diariamente e apesar de ser uma quantidade expressiva ainda assim o Brasil recebe pouco comparado a outros países e os poucos que recebemos saem aquelas reportagens que estão roubando nas ruas, a criminalidade aumentou em Roraima por causa da entrada dos imigrantes, então ainda falta uma transformação da nossa concepção sobre os imigrantes e refugiados, uma maior compreensão e aceitação. A gente está aprendendo, mas ainda tem um longo caminho para nos conscientizarmos sobre essas pessoas.

# Qual é a função da ONU junto aos países para tentar controlar os grandes números de deslocados?

A ONU foi fundada em 1945 com um objetivo muito interessante de garantir a segurança mundial e evitar guerras. Ela surgiu logo depois da Segunda Guerra Mundial com essa tentativa de garantir a segurança mundial, promover direitos humanos, promover o direito internacional e trabalhar o acolhimento dessas pessoas. E dentro da ONU existe uma agência específica que é o Acnur, que cuida exatamente dos casos dos refugiados. Ela foi fundada em 1950, se não me engano, e desde então eles têm trabalhado nessa busca dos direitos dos refugiados, dos imigrantes, não só refugiados, mas pessoas deslocadas que sofrem com perseguições, violência, guerra e todos aqueles elementos que levam a pessoa a sair da sua cidade, saírem dos seus países. Então assim, não sei se ela vai conseguir controlar, mas o objetivo é dar assistência e acolhimento ou pelo menos mostrar para esses países que podem ser mais receptivos, para permitirem a inclusão dessas pessoas, mas infelizmente a ONU ela não tem um papel mandatório, então ela sugere e os países acolhem ou não né? É opcional por parte dos países. Eu acredito que tem sim um peso importante, especialmente quando a gente pensa nessas várias reuniões que tem hoje em dia sobre a questão dos refugiados, mas ainda assim a ONU tem mais esse papel de assistência e de indicação e são os países que acabam fazendo as políticas de acolhimento.

# Se tratando de refúgio, o Afeganistão é o país da vez nos noticiários. O que houve para o país chegar na atual situação?

O Afeganistão chegou na situação atual por causa da guerra que os Estados Unidos promoveram. Começou em 2001 com os atentados de 11 de setembro e a partir daí que os Estados Unidos decidem atacar o Afeganistão. A gente teve os atentados e teve o que chamamos de securitização do terrorismo, o que é isso? É quando a ideia de terrorismo passa a fazer parte da política daquele país e ele vai tentar de alguma forma, combater esse terrorismo. Os Estados Unidos sabiam que os atentados haviam sido feitos pela Alcaida, que eram uma antiga organização guerrilheira e agora classificada como organização terrorista liderada pelo Osama Bin

Laden. Essa organização nasce lá atrás na primeira guerra do Afeganistão contra a União Soviética durante a guerra fria. Então essa organização já existia há um tempo e depois com os desenrolares eles resolveram fazer os atentados de 11 de setembro e os Estados Unidos veem como um atentado contra sua população, contra sua segurança e então eles querem agir frente a essa situação. É nesse momento que eles decidem buscar o Osama Bin Laden e eles acreditam que Osama está sendo protegido pelo governo Talibã do Afeganistão. O governo Talibã era formado também por ex guerrilheiros, tanto da guerra do Afeganistão durante a Guerra Fria quanto da Guerra Civil afega que foi logo em seguida. A Guerra 1 do Afeganistão, que é como a gente chama, aconteceu de 79 a 89 e logo em seguida começa a Guerra Civil e é nesse momento que nascem os guerrilheiros e são eles quem vão organizar a Alcaida e o Talibã. O Talibã consegue assumir o poder do Afeganistão em 1996 e eles vão ficar no poder até a invasão dos Estados Unidos. Então nessa época eles realmente acreditavam que o Talibã protegia a Alcaida e o Bin Laden. Então, eles decidem que qualquer país que proteja terroristas também será atacado e é aí que eles decidem atacar o Afeganistão. Eles foram até o conselho de segurança da ONU, garantir que todos os países sancionassem essa invasão no Afeganistão. De todos os países, apenas o Iraque não concordou, todos os outros países do mundo inteiro acreditavam que seria justa essa invasão por parte dos Estados Unidos, porque eles sofreram os atentados de 11 de setembro. Então, eles invadem o Afeganistão em 2001 e ficam ali por 20 anos. Em 2021 eles decidem sair do país e nesse processo o Talibã foi retirado do poder e os Estados Unidos tenta reconstruir o país. Eles promoveram a instalação de processos democráticos, possibilitou maiores liberdades as mulheres, o estado não estava mais associado a lei islâmica, mas é importante ressaltar que, nesse processo não foram somente coisas positivas, a gente teve nessa guerra 400mil mortos, que apesar de ser em vinte anos é um número expressivo e a gente tinha 18 milhões de pessoas em crise humanitária. Então essa ideia de que os Estados Unidos conseguiram levar o desenvolvimento ao Afeganistão não é bem assim. Além disso, a gente teve um governo que quando se fala nos direitos das mulheres, que agora já não são mais oprimidas, mas elas já estavam nesse processo mesmo antes do mandato estadunidense, então tiveram mudanças, claro, positivas para a reestruturação da sociedade, mas problemas foram marcantes nesse processo e agora podemos ver essa quantidade de refugiados saindo do país, pessoas que

tinham passaporte e outras estão solicitando refúgio, principalmente na região e a Turquia passa a ser um país chave, ela recebe e é a porta de entrada para a Europa.

#### Porque os Estados Unidos ficaram por tanto tempo no país?

A ideia inicial era buscar Osama Bin Laden, ele foi encontrado em 2012, mas eles continuaram, até porque é um processo difícil de retirada, até retirar todos os soldados, ocorre uma desestabilização no país e também existiam muitos interesses estrangeiros. A gente tinha empresas privadas que ganhavam muito dinheiro em cima da guerra, então até um ponto era benéfico para os Estados Unidos estar ali, porque ele controlava aquela região junto com o Iraque. Do fim do governo Obama ao começo do governo Trump, a gente percebe que a opinião pública não aceita mais a guerra, existe uma pressão da união pública para que saiam de lá e aí que o governo Trump promove a retirada. Apesar dos pesares é o Trump que vai de fato começar a retirar as tropas estadunidenses da região e começar a fazer um acordo com o governo Talibã.

#### O que muda agora com a volta do Talibã?

O Talibã diz que ele mudou, dizem que não vão promover um Afeganistão fechado, altamente controlado, exercendo os Direitos Humanos da população, até porque eles estão fazendo negociação com a China, com Rússia, Irã, países ali do lado, os países europeus já falaram que não tem jeito, eles terão que negociar com o Talibã, então assim, o Talibã não consegue mais ser o que ele era antes, porque o mundo mudou completamente, não tem como ele se isolar, isolar o Afeganistão, mas eles já declararam que o governo deles será associado a lei islâmica e eles têm um jeito muito particular de interpretar essa lei, a xaria, então isso acaba prejudicando os direitos das mulheres, principalmente, mas ao mesmo tempo eles dizem que mudaram, dizem que estão abertos a negociação, liberaram as pessoas estrangeiras para voltar para seus países, então assim, eles estão tentando aparentar ser flexíveis, mas se de fato é isso que está acontecendo teremos que esperar pra ver.

#### De que forma o Brasil pode ser afetado?

O Brasil não tem muitas relações com o Afeganistão, mas acredito que a questão dos refugiados mesmo. Apesar de aparentarmos ser um país acolhedor, não recebemos tantos refugiados como outros países, mas talvez ainda seja a consequência mais direta, a gente tem refugiados da região do Oriente Médio vindo para as Américas, vindo para o Brasil apesar de ser um número pequeno se comparado com países europeus, como a Turquia e outros países do oriente médio.

Danilo Garnica Simini: Doutorando em Ciências Humanas e Sociais, Graduado e Mestre em Direito, Pós-graduado em Direito Tributário e em Direito Público. Atualmente é membro da Comissão de Arbitragem da OAB de Ribeirão Preto e da Comissão de Relações Internacionais da OAB de São Paulo e Docente na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP).

#### Qual a importância da Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951?

A Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951 inicialmente é o principal documento internacional que merece ser destacado. De acordo com este tratado considera-se refugiado todo indivíduo que deixa o seu país por fundados temores de perseguição, por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas. É importante destacar também que esse tratado já reconhece aos refugiados direitos fundamentais, como o direito de acesso aos tribunais dos países onde forem acolhidos. Outro ponto muito importante da Convenção de 1951 diz respeito à proibição da expulsão ou o chamado princípio do não rechaço. E o que isso significa? Os Estados não poderão expulsar os refugiados de seus territórios. Mas aqui temos um outro detalhe importante. Essa é a regra: não expulsar os refugiados. Contudo, a própria Convenção permite que os Estados retirem dos seus territórios refugiados que por motivos sérios seja considerado um perigo para a segurança do país. Na minha opinião, trata-se de uma ideia muito subjetiva. Quando um refugiado é considerado um perigo para a segurança de um país? A Convenção de 1951 não explica muito bem tal ideia. De qualquer forma, o tratado constitui um marco jurídico

importante na proteção dos refugiados que influenciou na criação de leis internas em diversos países, como é o caso do Brasil.

## Como funciona a Lei nº 9.474, conhecida como Lei brasileira do Refúgio e qual sua importância?

A lei nº 9.474/97 é muito elogiada pela comunidade internacional. A nossa legislação além de entender o refugiado como aquele indivíduo que deixa seu país por fundados temores de perseguição, também considera refugiado todo indivíduo que deixa seu país em razão de uma grave e generalizada violação de Direitos Humanos. Ou seja, a lei brasileira de refúgio acaba ampliando o conceito de refugiado. No Brasil os pedidos de refúgio devem ser encaminhados ao CONARE, órgão vinculado ao Ministério da Justiça. Importante destacar que a partir do momento em que o pedido de reconhecimento da condição de refugiado é feito, a pessoa já consegue uma autorização provisória de residência no Brasil e a pessoa também consegue abrir conta bancária, fazer uma carteira de trabalho e um CPF. O procedimento é todo gratuito e havendo indeferimento do pedido a pessoa poderá formular um recurso administrativo ao Ministro da Justiça. Outro ponto que considero muito importante na lei brasileira é o fato dela estender a condição de refugiado para os familiares do indivíduo que estiverem com ele aqui no Brasil.

## O que muda com a nova Lei de Migração brasileira Lei nº 13.445?

A Lei de Migração brasileira (Lei 13.445/2017) revogou o Estatuto do Estrangeiro, uma legislação da época da Ditadura Militar brasileira que via o estrangeiro como uma ameaça à segurança do país. A Lei de 2017 garante ao migrante diversos direitos e estabelece que a política migratória brasileira deve se pautar na prevalência dos Direitos Humanos. Por isso, a postura do Estado e da sociedade brasileira deve ser de acolhimento do migrante. Qualquer postura xenófoba e preconceituosa contra o migrante será contrária ao que determina a legislação brasileira.

A Lei de Migração apresenta diversas novidades. Dentre elas merece ser destacado o chamado visto de acolhida humanitária. Ele poderá ser concedido ao

apátrida ou ao nacional de qualquer país em situação de grave ou iminente instabilidade institucional, de conflito armado, de calamidade de grande proporção, de desastre ambiental ou de grave violação de direitos humanos ou de direito internacional humanitário. Nesses casos o interessado deverá procurar uma embaixada ou consulado do Brasil no exterior para conseguir o visto e depois ingressar no Brasil. E o visto possibilita ao interessado obter uma autorização de residência no Brasil. Assim, a ideia é acolher essa pessoa que estava em uma situação delicada no seu país.

## Quanto as pessoas do Afeganistão, o Brasil já tomou alguma providência?

No caso do Afeganistão, o governo brasileiro editou uma portaria no mês de setembro de 2021 regulamentando a concessão do visto. De acordo com a portaria, o visto temporário para acolhida humanitária poderá ser concedido aos nacionais afegãos, aos apátridas e às pessoas afetadas pela situação de grave ou iminente instabilidade institucional e de grave violação de direitos humanos ou de direito internacional humanitário no Afeganistão. O visto terá validade de 180 dias e ao ingressar no Brasil o afegão deverá procurar alguma unidade da Polícia Federal em até 90 dias para se registrar. O indivíduo também poderá obter uma autorização de residência no Brasil pelo prazo de dois anos. Eu entendo que a postura do governo brasileiro ao editar a portaria se mostra compatível com a legislação brasileira migratória, já que essa impõe ao Estado brasileiro uma postura de acolhimento.

Raphael Douglas Macieira dos Santos: Engenheiro civil e coordenador do "Projeto Orinoco: águas que atravessam fronteiras", projeto de água, saneamento e higiene (WASH), desenvolvido pela Cáritas brasileira.

#### Qual é o trabalho desenvolvido pela Cáritas?

Então, a Cáritas brasileira é um organismo vinculada a CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, então nós somos um organismo católico, de ações econômicas. Dentro da organização da carga dos brasileiros, a gente tem 12 áreas temáticas, então são como se fossem setores onde a gente trabalha e um desses é

migração, refúgio e apátridas. O trabalho da Cáritas vem muito nessa perspectiva de atender a população em vulnerabilidade, populaçãos que geralmente estão em processo de exclusão social, o que inclui a população migrante e refugiado. Para você entender melhor a gente, eu trabalho no secretariado Nacional da Cáritas brasileira, ela tem diversas articulações e diversas estruturas que a gente chama de regionais e dentro desses regionais tem outras estruturas que são as Cáritas Diocesanas, Cáritas Paroquiais e Cáritas Arquidiocesanas, então nós somos uma rede muito grande que provavelmente as próximas perguntas eu não vou conseguir te dar uma resposta em nível Nacional, porque é isso, uma organização muito grande que tem muitos tentáculos e dentro disso as Cáritas Paroquiais, as Cáritas Diocesanas e Cáritas Arquidiocesanas, elas têm digamos que uma independência, então elas trabalham muito de forma autônoma né, ainda que façam parte da rede Cáritas, mas em resumo o trabalho da Cáritas é isso, nós temos 12 áreas temáticas e a gente trabalha com público geralmente em vulnerabilidade social.

#### Como são os atendimentos?

A gente tem basicamente em todas as regiões, em todos os estados na verdade, Cáritas que fazem atendimento muito vinculado com essa relação da migração, por exemplo, aqui em Roraima, que é onde eu moro e é porta de entrada da migração venezuelana via terrestre, a principal, pelo menos a gente tem esse atendimento muito voltado para a população migrante, mas em outros espaços como por exemplo no sul do estado, eles também têm uma dinâmica de trabalho com migração, mas uma perspectiva diferenciada. Os atendimentos nós temos os mais diversos, de forma geral a gente trabalha muito no sentido da proteção dessa população migrante, então a gente tem muitos serviços de regularização documental, de esclarecimento sobre o que é refúgio, o que é residência, qual faria mais sentido para a pessoa naquele momento e também nós temos outros serviços, temos projetos que dão suporte com cartões alimentação, que trabalham com doação de cestas básicas, tem por exemplo, o meu projeto aqui em Roraima, o projeto o qual eu coordeno, que trabalha com imigrantes em situação de rua oferecendo instalações sanitárias e coletivas, para eles poderem utilizar, temos também entregas de kit higiene, entrega de kit resposta covid, então os atendimentos acabam que são muito

diversos, a gente trabalha de acordo com as nossas possibilidades dentro dos projetos que a gente vem executando e também com a mão de obra voluntária, que é um anjo muito forte que nós temos enquanto instituição, enquanto rede.

#### Como essas pessoas chegam até vocês?

A gente percebe que muitas chegam a partir da nossa relação com a Igreja Católica, como eu falei nós somos um organismo da CNBB, então nós estamos vinculados à igreja católica e quando a população chega nos espaços no Brasil, nas cidades, a primeira coisa que elas tendem a fazer é procurar uma igreja, então quando eles procuram a igreja eles são informados de que existe uma organização da Igreja Católica que trabalha apoiando essa população imigrante. Eles acessam a Cáritas e a partir de lá, eles vão ver quais são os tipos de projetos e quais são as possibilidades de apoio que eles vão encontrar na organização. A parte do nosso contexto aqui de Roraima, a gente percebe que algumas pessoas também já vem direcionadas pelo próprio trabalho da Cáritas na Venezuela, então também tem essa relação que a Cáritas existe no Brasil, mas ela também existe em mais de 150 países, são muitas pessoas que já vem com essa relação de Cáritas no local onde eles viviam, então eu acredito que o principal ponto de conhecimento como que elas chegam até aqui é através das igrejas católicas, mas também tem essa parte da população que já conhece o trabalho da Cáritas do país onde elas vivem.

#### Teve alguma história que te marcou?

Eu coordeno hoje um projeto chamado Orinoco, é um projeto de água, saneamento e higiene. A gente trabalha fornecendo chuveiro, fornecendo sanitário, a gente tem uma lavanderia também, tudo para atender pessoas em situação de vulnerabilidade, que estão em situação de rua aqui no Estado de Roraima, na cidade Boa Vista que é a Capital e também em Pacaraima, a primeira cidade brasileira após o território venezuelano vindo via terrestre. Então, a gente lida com o público muito, muito, muito vulnerável, uma história que me marca muito, porque a gente tem esses locais que são banheiros coletivos e nesses espaços a gente tem uma equipe de monitoramento que faz o controle da entrada da população. Temos um cartão para

poder fazer o controle de como nossas instalações são acessadas, quantas vezes são acessadas, por quantas pessoas diferentes e enfim. Uma vez, estávamos lá resolvendo uma situação e uma pessoa, uma moça na verdade, entregou o cartão dela e falou que ia tomar banho, aí a gente ia fazer o check-in dela de entrada no espaço. Ela falou que quando terminasse o banho ela ia pegar o cartão de volta e seguir, voltar para onde ela estava, que fica na rodoviária aqui em Boa Vista. Ok, a gente continuou lá conversando, falando uma situação que eu estava resolvendo com a outra pessoa de monitoramento e aí chegou depois de uns 20 minutos uma pessoa, uma mulher perguntando do cartão dela. Ficamos eu e outra pessoa olhando para ela sem entender o que ela queria, que cartão e aí que nós percebemos que essa moça que estava pedindo o cartão era a mesma moça que tinha entregue o cartão um tempo atrás, só que ela era outra pessoa. Então assim, você sentia a energia dela, você sentia uma outra pessoa, a gente não conseguiu reconhecer, porque um banho praticamente transformou aquela moça. Então, essa história me marcou muito dentro das ações que a gente faz enquanto Projeto Orinoco, enquanto Cáritas, porque mostra como um banho é fundamental, como um banho literalmente pode mudar a vida de uma pessoa. Às vezes, a gente vive numa realidade em que a gente tem um banheiro na nossa casa e a gente esquece que tem pessoas que não têm simplesmente acesso a isso e trabalhando nesse projeto, que é um projeto de emergência, a gente percebe como isso é recorrente nesta população migrante que está em situação de rua aqui em Roraima, em qualquer local né? Então acho que para mim essa foi uma das situações que mais me marcaram desde que eu entrei na Cáritas.

### Como você chegou até a Cáritas?

Sou engenheiro civil de formação e tenho mestrado em recursos naturais. Trabalhava na parte de saneamento em comunidades indígenas, então quando estava finalizando meu mestrado eu tive conhecimento, pelo grupo dos Engenheiros sem fronteiras, de um edital que estava aberto para a contratação de engenheiro na Cáritas. Eu já conhecia a Cáritas, eu venho de uma criação católica, mas eu não tinha muita proximidade aqui em Roraima, porque até então não existia Cáritas aqui, é recente a Cáritas Diocesana. Aí eu fui ler a proposta do edital e achei muito direcionado para aquilo que eu gosto de trabalhar que é a parte do saneamento social,

então me candidatei na vaga e consegui. Fui aprovado, entrei no projeto como engenheiro assessor de engenharia, depois me tornei coordenador wash que é o coordenador de água, saneamento e higiene que fica responsável pela parte técnica de engenharia, mas também pela parte pedagógica, temos uma equipe de educadores do projeto para fazer promoção de higiene. Posteriormente me tornei o articulador local, coordenador local do projeto e agora estou compondo a Assessoria Nacional da Cáritas como coordenador Nacional do projeto, isso tudo dentro de dois anos e meio, mais ou menos. Essa foi minha trajetória dentro da Cáritas.

# O que você tem a dizer sobre seu trabalho junto a Cáritas? De que forma ele agrega em sua vida?

Eu acho que é um trabalho que tem sentido, porque como eu falei, eu sou engenheiro civil e durante muito tempo, inclusive durante a minha graduação eu tive diversos conflitos internos sobre como poderia trabalhar pensando no viés social dentro de uma profissão que é tão elitizada e tão direcionada para a parte de construção civil e que não fazia sentido para mim. Então, quando eu encontrei fui e direcionei minha caminhada acadêmica e profissional para o setor de saneamento, mais voltado para a parte de saneamento social e quando eu entrei na Cáritas eu descobri todo o mundo da Cáritas e o mundo da migração, porque a gente vive aqui em Roraima uma realidade totalmente paralela, eu digo que há tudo que o Brasil imagina que pode ser. Então hoje, trabalhar na Cáritas para mim é uma realização pessoal e profissional, porque eu consegui identificar e visualizar como a minha profissão e os meus conhecimentos técnicos são possíveis de serem aplicados para o trabalho social em prol das pessoas que estão em situações de vulnerabilidade, então agrega muito sim.

Eu sou muito grato a essa minha experiência, essa vivência Cáritas é uma realidade totalmente diferente, é uma instituição que tem um trabalho muito humanizado, tem um trabalho realmente muito pensando no beneficiário que a gente tá atendendo, naquela pessoa que está ali, seja em busca de um banho como são as pessoas que geralmente buscam as instalações do projeto no qual eu coordeno, mas também aquelas pessoas que vão nas instalações da Cáritas mesmo pedir um apoio, uma orientação e às vezes só uma escuta sabe ? Então a Cáritas é esse espaço onde

eles conseguem ser de fato ouvidos, além de estar ali com aquela pessoa só em corpo, mas você está em corpo e alma. Então é isso, realmente é um exemplo de como a gente pode construir uma sociedade menos desigual e mais humanizada digamos assim, eu acredito que seja isso.

Omar Atbai: Afegão, 30 anos, técnico de informática. Atualmente vivendo na capital gaúcha, Omar e sua família deixaram o Afeganistão durante a guerra civil, em 1996, morou na Índia e se mudou para o Brasil aos 11 anos de idade.

Me conta como foi quando vieram para o Brasil. De quem foi a decisão? E por quê?

Nós deixamos o Afeganistão em 1996, fomos para Índia como refugiados e ficamos 6 anos lá. Em 2002, a ONU nos mandou para o Brasil, para ter uma vida melhor. A decisão de deixar o país foi do meu pai.

Na época o que levou seu pai a querer deixar o país? Você lembra de alguma coisa?

Foi por causa da Guerra civil. Em 1992, a situação piorou mais ainda, já estava dando Guerra Civil antes, mas, em 1992, Cabul ficou destruída completamente, aí nós fomos para o Paquistão. Em 1996, voltamos para o Afeganistão para poder ir para Índia, quando voltamos a situação do Afeganistão estava terrível, mesmo antes da chegada do talibã em Cabul, em 1994. O talibã aos poucos começou invadindo o Afeganistão e em setembro de 1996 invadiu Cabul.

#### Hoje você vive no Brasil com sua família?

Moro com minha mãe e duas irmãs.

#### Vocês que escolheram Porto Alegre ou foi pra onde enviaram vocês?

A ONU que escolheu a cidade, eles nos enviaram direito para cá.

#### Você tem contato com pessoas que estão no Afeganistão?

Sim tenho, meu pai mora lá. Falo com ele todos os dias.

## O que ele fala sobre o que estão vivendo? Está assustado?

Ele está tranquilo, ele me fala que por enquanto os talibãs não fizeram nada de mal com povo afegão, e vão governar com paz.

# O que você pensa sobre isso? Acredita que dessa vez realmente vão governar com paz?

Sim, estou confiante, estou acompanhando noticiários e youtubers afagões, por enquanto o povo não está reclamando do talibã.

# Quando chegaram no Brasil foram bem acolhidos? Sentiu algum tipo de preconceito por ser refugiado?

Fomos muito bem recebidos, não teve nenhum preconceito.

#### Qual foi a maior dificuldade no início?

Foi para aprender o português, foi complicado no início, eu não sabia falar nenhuma palavra em português.

#### E como viviam?

A ONU ajudava no aluguel e outros custos da família, como comida, transporte e etc. Por 1 ano e meio A ONU nos ajudou.

Qual foi a importância do acolhimento para sua família?

Aqui nós fomos muito bem recebidos, nos adaptamos muito rápido e estamos

muito felizes aqui. Foi muito importante para nós que o Brasil nos acolheu, nós

consideramos o Brasil nosso segundo país. Eu praticamente me considero brasileiro,

faz 19 anos que moro aqui.

O que mais gosta do Brasil?

Eu gosto de futebol, ir no estádio, praias e churrasco

Como é pra vocês a questão de ficar longe de familiares? Como lidam com a

distância do seu pai, tios, primos? Nunca pensaram em voltar?

É ruim ficar longe deles, principalmente do meu pai. Sim, em 2004 a ONU

deixou de nos ajudar aí quase voltamos para o Afeganistão, mas tivemos ajuda de 4

famílias brasileiras, então ficamos aqui, na época meu pai estava aqui. Ele foi embora

em 2005 para o Afeganistão. Depois que adaptamos aqui nunca mais pensamos em

voltar.

Quando passaram dificuldades nenhum órgão governamental acompanhava

vocês?

Não, ninguém além das 4 famílias brasileiras

Porque o seu pai voltou para o Afeganistão?

Ele não conseguiu seu adaptar agui.

Philippe Chidelson: Haitiano, 24 anos, Vice Presidente da Associação da integração

social (AINTESO) e escritor do livro "Olhando para outro oceano".

35

#### O que foi que te levou a sair do seu país e tentar a vida no Brasil?

No meu país creio que está acontecendo uma política de expulsão dos jovens intelectuais, porque não está tendo emprego, curso superior tem, mas quando você sai do ensino médio não encontra trabalho, então não consegue estudar. Também com a situação política, social e econômica do país não tem como empreender. Existem muitos haitianos fora do país que infelizmente não conseguiram se integrar, porque muitos deles são pessoas intelectuais que só trabalham. Eu tenho esse olhar de que os haitianos se preocupam só com o trabalho, portanto tem muitos de nós que quer e precisa ter o curso superior e evoluir, então creio que esse é um ponto muito importante.

### Você conseguiu se formar aqui no Brasil?

Sim, estou aqui desde 2016. Terminei o 2º grau aqui em uma escola pública, fiz Enem, vestibular e consegui ingressar na faculdade, estou estudando Relações Internacionais.

### Quais foram as maiores dificuldades quando chegou no Brasil?

A dificuldade maior é o idioma, porque sem ele não tem comunicação. Se não tiver comunicação ninguém vai conseguir entender o que você fala, nem você o que a pessoa está falando e isso dificulta, a resultar na falta de emprego, porque você não consegue se comunicar. No meu livro eu apresento nosso idioma, porque a gente quer que os brasileiros e as brasileiras também saibam um pouco do nosso idioma, isso vai facilitar também para a comunicação né? A gente quer falar outros idiomas como o inglês e se a gente quer falar o inglês também podemos falar outros idiomas, claro que pode não saber falar o idioma, mas algumas palavras já ajudam.

### Você acha que o Brasil é um país acolhedor?

Eu reconheço o acolhimento do Brasil, porque o Brasil é um país muito acolhedor e qualquer país que estende a mão é mais fácil de se viver, porém ele estende a mão, mas precisa estender ainda mais.

### De que forma?

Isso deveria melhorar na educação, creio que muitos imigrantes não tem como ingressar na faculdade. É muito difícil, porque já tem uma educação haitiana e aqui é outra coisa. E também eu pergunto, muitas faculdades tem cotas raciais né? Então se já é tão difícil para um brasileiro ou brasileira ingressar na faculdade imagina para um imigrante? Falta um acolhimento na educação do imigrante, assim ele poderia se qualificar em um curso técnico ou até na faculdade. Um ponto importante que observo, e que pode não ser em todos, mas, pelo menos nos hospitais que estive, não existe alguém que possa traduzir um haitiano que chega e não sabe o português, como será atendido assim? A pessoa pode falecer por causa disso. Acho isso importante para os centros que atendem imigrantes.

## Você acredita que a população poderia colaborar de que forma?

Tem pessoas que gostam dos imigrantes e pessoas que não gostam. Eu queria entender porque não gostam. Muitos têm integrantes da família em outro país, tenho muitos amigos brasileiros e brasileiras, assim como tenho amigos haitianos e imigrantes, então creio que ter essa amizade, essa integração seja importante. A população poderia ajudar no aspecto da educação também, sabendo algumas palavras. Fico muito feliz quando alguém sabe falar alguma palavra, é muito bom a gente se sente acolhido.

E como você chegou até a AINTESO (Associação da integração social) e se tornou vice-presidente?

A associação foi formada por alguns haitianos que chegaram aqui por volta de 2010 e depois não havia mais a associação, porque eles desistiram de continuar lutando. Depois o James, atual presidente da associação, veio e continuou o avanço com a associação, depois ele me contatou e nos juntamos em 2017, desde então seguimos sós por um tempo até que chegaram outras pessoas. Eu sempre fiquei como secretário, porque o mais importante para mim não é o cargo, mas o trabalho que faço. Depois de termos um grupo formado, houve uma eleição e me candidatei a vice-presidente e eles votaram em mim. Continuo trabalhando lá dando esse apoio o máximo possível.

#### Na associação qual trabalho desenvolvem com essas pessoas?

Fazemos o trabalho de acolhimento, temos aulas de português, temos uma biblioteca comunitária para que possam estudar, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Você quando veio para o Brasil teve ajuda de alguém ou de algum órgão governamental?

Eu particularmente não, nada.

#### E você veio sem idioma e sem emprego?

Sem nada, mas meus pais já moravam aqui. Eu lutei para conseguir me matricular em uma escola pública, não estava conseguindo. Consegui terminar o 2º grau e ingressei na faculdade.

#### Seus pais estavam aqui desde quando?

Desde 2013, se não me engano.

#### Eles vieram em busca de trabalho?

Sim, eles vieram exatamente em busca de trabalho e também continuar puxando os filhos para fazerem faculdade. Lá meu pai era diretor de escola, ele queria que os filhos tivessem uma boa educação, um curso superior.

# Aqui mesmo com um trabalho mais simples a qualidade de vida de vocês é melhor do que no Haiti quando ele era diretor?

Sim, lá é muito difícil conseguir emprego e ter uma boa educação, é muito caro, não tem hospitais públicos. Tenho dois irmãos mais novos que também estão estudando aqui.

## Aqui você tem algum trabalho além da associação?

Dei aulas de francês, passei dois anos dando aulas na escola linguística, mas agora está mais difícil por conta da carga horária da faculdade. Escrevi o livro e também participei de um concurso municipal que se chama poemas no ônibus e no trem. Eram 25 escolhidos entre 200 a 300 escritores que participaram e eu fui um dos escolhidos.

#### O que você tem a dizer sobre o seu país?

Olhando para os dois lados, aqui o brasileiro negro enfrenta o racismo por ser negro, mas lá um brasileiro negro é um branco, porque lá não é só a cor que define, ou seja, lá um brasileiro negro é uma pessoa mais bem formada do que nós. Eu acho que o Brasil é o país que o haitiano mais gosta, a gente se apaixona. Porque? A gente vê o Brasil como um país de acolhimento. Lá as pessoas se dividem em duas torcidas, Argentina e Brasil, a maioria do Brasil. Eu sou torcedor do Brasil, lá é assim, a gente sabe os nomes de cada jogador da seleção brasileira, a gente sabe todos. A gente gosta muito do Brasil, muito mesmo. Quando o Brasil ganha uma copa do mundo ou copa américa é a festa por lá. Não somos um país que tem guerra civil, tem conflitos, mas guerra civil não, porém em 2004 havia uma guerra civil por causa de um golpe

militar do Jean-Bertrand Aristide, que se auto declara esquerdista. Naquela época havia uma missão da paz na qual o Brasil participou também, mandou suas tropas e eu vejo, tenho um olhar de que não é verdade que se estabeleceu a paz por conta da intervenção militar, foi por causa da seleção brasileira. A seleção brasileira foi lá e organizou um jogo amistoso para promover a paz e tudo foi parado, todo mundo foi lá assistir. Claro que haviam outros detalhes, porém a guerra civil foi parada por conta da seleção brasileira. O Haiti tem essa visão, por tanto não é essa visão que vejo nos jornais.

Em termos de corrupção é bem pior que o Brasil. Na cidade onde nasci, só existem duas escolas públicas. Existem escolas privadas e escolas missionárias, eu estudei em uma escola missionária evangélica, tem a católica também. Existem padrinhos e madrinhas que as crianças têm de outros países, Estados Unidos, França, Canadá. Eu tinha um padrinho do Canadá e ele quem bancava meus estudos, sei que são de lá porque sempre me enviavam fotos.

### Seu livro foi publicado de forma independente?

Sim, tive apoio da faculdade, mas não econômico. Foi tudo custeado por mim. A faculdade está divulgando também entre os alunos para que conheçam a história do Haiti e nossa cultura.

**Abdulbaset Jarour:** Ativista sírio, 31 anos, vindo de Alepo. Atualmente vive na grande São Paulo.

#### Faz quanto tempo que está no Brasil?

Desde 2014, eu tinha 24 anos.

#### Veio só ou com sua família?

Vim só.

#### Sua família está na Síria?

Minha família se espalhou depois da guerra, se espalhou pelo mundo.

## Você veio fugindo da guerra? Me conta como foi.

É o seguinte, em 2010 eu completei 20 anos e tive que servir os soldados militares na Síria. Pela lei, quando o jovem completa essa idade tem que servir. Logo quando entrei, começou uma manifestação chamada Primavera Árabe. Essas manifestações se ampliaram, chegando em vários países árabes e até a Síria, a população se voltou contra o regime, então deixei a síria e fugi para um país do lado, o Líbano. Lá eu estava buscando alguma forma de sair daquela região, então corri atrás de visto da Austrália, Canadá, mas não tive retorno. Depois ouvi falar que o governo brasileiro havia liberado um visto humanitário para o povo Sírio, então fui até a embaixada, consegui comprar o visto, comprei a passagem e vim para o Brasil.

Chequei sozinho, não conhecia ninguém, não falava português, não sabia nada daqui. Esse é o caminho de refúgio, vesti a camisa de refugiado e tive que assumir essa situação. Logo depois recebi a notícia de que havia caído uma bomba em cima da minha irmã, morreu o marido dela e ela perdeu uma perna. Ela fugiu para a Turquia depois de socorrida, outra irmã fugiu para o Iraque, outra irmã com filhos fugiu para o Líbano, meu pai sumiu no meio da guerra, meu irmão também se perdeu no meio da Guerra, ficou minha mãe e minha irmã caçula. Passando o tempo, minha irmã conseguiu ir com seu marido e filhos para o Canadá, a outra irmã, que perdeu a perna, conseguiu fugir até a Alemanha, fazendo travessia, machucada, outra irmã fugiu para o Iraque e outra que fugiu com o marido e filhos para o Líbano. Quem ficou na Síria foi minha mãe, minha irmã caçula e meu irmão. Meu irmão fugiu depois de um tempo para a Turquia, depois minha mãe e irmã eu consegui trazer para o Brasil, no natal de 2019. Essa chegada delas pra cá não foi tão fácil como parece, como estou contando pra você, houve um processo de muitos anos, estava louco para traze-las pra cá. Minha mãe, logo no início da pandemia pegou corona vírus e morreu, com 55 anos de idade e minha irmã que estava aqui voltou.

#### Do seu pai você nunca mais teve notícias?

Não

## De qual região da Síria você veio?

Norte da Síria – Alepo

# Aqui no Brasil, quando você chegou não teve ajuda de ninguém ou de alguma instituição? Como foi esse acolhimento?

É o seguinte, a questão do acolhimento, você sabe que existem entidades, organizações que trabalham para ajudar os refugiados e imigrantes, então eu busquei a Cáritas para conseguir retirar minhas documentações, auxílio com informações, o primeiro lugar foi a Cáritas. Aí com o tempo comecei a conhecer pessoas, fiz amizades com brasileiros, comecei a me integrar na sociedade brasileira, conhecer uma nova cultura, a língua, então não foi fácil. Em termos de acolhimento vou te dizer assim, quem acolhe é as leis e as políticas públicas, não são as pessoas, não são as organizações. O nosso problema ultrapassa a cesta básica por mês, um cursinho de português básico, um auxílio para entrar nos sites e preencher uma coisa, enfim, os nossos problemas exatos em documentações, as leis que acolhem e as políticas públicas, isso com o tempo vem, com muita luta.

O primeiro visto humanitário que uma nacionalidade recebeu foi o haitiano, foi há 10 anos atrás, logo depois os sírios e agora os afegãos. Só que você precisa entender que a situação não é fácil como parece, tanto de visto humanitário, quanto da chegada aqui. O processo de refúgio em cada país é diferente, quando a gente fala de acolhimento, receber é uma coisa, acolher é outra. Você pode receber quantas pessoas quiser, quando quiser, mas isso não significa que está acolhendo. Aqui a gente sofre discriminação, preconceito, exclusão trabalhista por falta de documentações, estamos sendo explorados no mercado de trabalho, pessoas aproveitam, exploram, é a escravidão moderna né? Em troca de comida, lugar para dormir, as pessoas aproveitam da nossa irregularidade de documentações. Isso é um complexo, sabe? Um país como o Brasil, construído por imigrantes, veja os próprios

brasileiros que estão no comando, as autoridades estão fechando os olhos e ignorando o tema. O bisavô, o tataravô deles um dia veio aqui fugindo de crises, perseguições, guerras mundiais, buscando uma vida mais digna.

Então é essa a questão, é complexo, vou falar pra você, a vida me tornou refugiado e tive que assumir e se a vida não lhe tornou um refugiado você nunca vai entender o que é ser refugiado, pode estudar a vida toda. A gente entende que o caminho de experiências próprias, quando você anda nesse caminho é diferente de quando você vai ler e pesquisar, são duas realidades. Resumindo, para você saber o que significa refugiados e imigrantes na vida, não basta viajar para os Estados Unidos ou França ou África, aí você fala "ah eu viajei, fui imigrante", a questão é viver no Brasil como imigrante é uma coisa e viver em outro país como imigrante é outra coisa.

Então é isso, a vida me tornou refugiado e hoje sou ativista, luto pela causa migratória como porta voz, isso é próprio da minha família que está espalhada pelo mundo, eu vejo o quanto é difícil ser refugiado nesse mundo sabe? Um mundo cruel, um mundo que nos torna pessoas vulneráveis de repente, a gente tinha uma boa vida. Eu não sou mais que você ou menos que você, mas eu tinha minha própria cultura, minha língua, minha família, minha casa, minha vida confortável. O problema é que o ser humano cria um olhar com estereótipo negativo, olhar diferente é positivo, todos nós temos que se olhar diferente, porque somos diferentes, mas não desiguais, nas diferenças nós temos nossas belezas e devemos respeitar essas diferenças, se não fosse isso o mundo não teria graça. Então, a questão é o estereótipo "Ah o imigrante veio para tirar nossos empregos, o imigrante é fugitivo da justiça, enfim, isso que desgasta a nossa luta, mas é isso a gente tem que sempre olhar para a frente e lutar pela sobrevivência.

## Eu queria que me contasse um pouquinho como era sua vida na Síria, o seu dia a dia?

Então, éramos meus pais, cinco meninas e mais dois homens, eu e meu irmão, somos sete. Éramos unidos, família alegre, três irmãs eram casadas, como qualquer família lá a gente estudava, trabalhava, tem aquela vida muito social, muita conexão. A cultura oriental, ocidental, a cultura árabe é muito conectada com a família, os valores da família, a gente vivia uma vida tranquila, mas tirando alguns momentos que

afetaram o mundo árabe, como em 2003 com a chegada do exército dos Estados Unidos no Iraque, que afetou aquela região, depois alguns problemas que aconteceram no Líbano, sempre houveram problemas na política que afetaram a população, porém a gente levava a vida e se adaptava. Dos anos 90 pra cima, estávamos levando a vida tranquilos, eu tinha muitos amigos, minha vida era estudo e trabalho, a noite estava com minha família ou amigos, frequentava barzinhos, saia para passear, para fumar narguilé, jogar, conversar, brincar, passava na casa das minhas irmãs ou de familiares, sabe?

## E hoje você consegue manter contato com todos os seus irmãos?

A gente se comunica de vez em quando através do WhatsApp

#### Vocês não se viram mais?

Não.

### Você mantém contato com pessoas que estão na Síria? Amigos ou familiares?

Morreram vários amigos, mas tenho alguns contatos sim.

#### E o que eles dizem sobre a atual situação do país?

A Síria já acabou né, na verdade. A Síria não existe mais, porque além da guerra, chegou à crise mundial do coronavírus e as pessoas estão morrendo, ou de frio ou de fome ou pela guerra. É uma situação muito complexa, aquele povo é muito forte, porque durante a formação da humanidade aquela região era sagrada, eu nasci em uma cidade, o Brasil tem 500 anos né? Eu nasci em uma cidade que tem 11.800 anos, onde vivia Abraão, onde nasceu o Apóstolo Paulo, então é o berço das civilizações. Síria em língua aramaico significa país do Sol, então lá sempre é guerra, destruição, construção; guerra, destruição, construção, infelizmente nunca tivemos tranquilidade ao longo da história da humanidade. O lugar mais sagrado está sendo o mais afetado desse mundo e enfim, é muito triste você ver lugares que são muito

históricos destruídos, a história da humanidade toda lá, mas infelizmente tudo culpa desses seres humanos que lutam por conquista do poder e muitas pessoas pelo mundo sofrem e são vítimas.

# Quando você chegou aqui, entre tantas dificuldades que imagino ter enfrentado, qual foi a maior?

Conseguir se adaptar aqui, aprender o português, se adaptar em uma nova cultura, entender a mentalidade do povo brasileiro, a cultura, os costumes, sobreviver, né? Porque o problema aqui, impressionante, o medo que ficou na minha mente era que eu não queria estar em situação de rua. Então o Brasil me recebeu, por não ter oportunidade, por não ter acolhimento necessário eu vou ficar na rua? Ou vou ficar em abrigo? Quais são esses abrigos que acolhem três ou seis meses? Essa era a preocupação, do dinheiro que tinha e acabaria em um tempinho, e aí depois sabe? Adaptar e entender é um desafio muito grande.

Sempre falo que os refugiados são guerreiros. Imagina se tiro você e coloco no Egito, com 100 milhões de pessoas que falam árabe, você vai ficar perdida, aliás você vai começar onde? Porque o Egito não vai te acolher, vai falar se vira, como o Brasil. ONG não acolhe, ONG ajuda amenizar sua situação, minimizar, entendeu? Falar pra você onde eu acho que existe acolhimento, nos países que respeitam o ser humano, acredita no potencial do ser humano, como o Canadá. O Canadá é um país que tem estatutos, instituições que garantem as políticas públicas para refugiados e imigrantes fazerem uma nova vida. Para entender a realidade do Canadá, mais que metade ou metade da população são imigrantes, vivem na imigração, Catar, Alemanha, sabe, países que aproveitam com boa fé da chegada dos refugiados e imigrantes, se ajudam.

O Brasil o que vai oferecer para mim? Curso de português, estou dando um exemplo, enfim, três meses de lugar para dormir, que nem cabe, cabe uma quantia, estou falando para entender, isso não tinha, estou falando ao longo dos anos, através de luta de movimentos sociais. Se você pensar na quantidade de venezuelanos que estão chegando no Brasil comparando a quantidade que está chegando na Colômbia, você vai ver que o Brasil não está recebendo quanto a Colômbia está recebendo, apesar de que a Colômbia não se compara com o tamanho do Brasil. Então tem que

entender essa situação, as políticas públicas que acolhem, garantir um lugar para dormir, garantir que refugiado e imigrante se bateu fome ele precisa comer, ele não vai falar de outras coisas, ele vai pensar na fome dele. Então são detalhes, mas quem passa entende essa situação.

Em que momento você mais sentiu o preconceito? Já ouviu comentários ofensivos ou comparativos com terroristas, por vir de um país marcado fortemente pela guerra?

Olha só, eu passei por isso, mas não me importo. A questão é que se eu não falo o sotaque agora na sua frente você não vai perceber que não sou brasileiro. Aqui o preconceito no Brasil vive na verdade como se fosse herança, porque na história do Brasil, desde que o povo africano chegou aqui e foi escravizado, a formação como catequizaram uma parte do povo ordinário, a chegada de outras nacionalidades pelo mundo. Infelizmente assim, é preciso entender que o preconceito aqui é mais forte falando em termo de racismo, são quem sofrem mais, porque os refugiados e imigrantes sofrem e quem não te contou isso, porque de fato não presenciou ou fechou as orelhas ou os olhos, tem pessoas que muitas vezes preferem falar que está tudo bem, tudo bonito, organizado, são pessoas que atrapalham nossa vida. Porque, falando da maior comunidade de refugiados e imigrantes que estão no Estado de São Paulo, 57,7% da população migratória está em São Paulo, você veja quantos imigrantes e refugiados sofrem aqui, histórias de alguns cidadãos que mandam eles voltarem para seu país, com xingamentos, etc., a questão de inferior, alguns podem pensar "a gente veio de fora, ele tem poder, a gente realmente não tem poder, então ele pode violar, violentar".

A GCM (Guarda Municipal Metropolitana), quantas vezes bateram em refugiados e imigrantes que trabalham nas ruas como camelódromo e vendedores, tem uma mulher que estava grávida e perdeu seu filho com oito meses de gestação, então todas essas informações, tratamento de funcionários públicos com refugiados e imigrantes, empresas, sabe? É um tema muito amplo. Você pode conversar com refugiados que chegaram ontem, aí você pergunta quais as dificuldades que ele encontrou e ele vai te falar duas, três coisas, para ele vai estar tudo bonito. Vamos supor que você ouviu um haitiano, será que ele falou tudo que os haitianos passam?

Imagina que ele chegou aqui e alguém o acolheu, conseguiu um emprego, tem um outro patamar, você não pode pensar que todos vivem assim. Falar da realidade, não é ser ingrato com a terra que está te abrindo portas, mas a realidade a gente tem que contar para podermos atingir, denunciar e melhorar a situação, acabar com isso. Temos leis na constituição que proíbe esse diálogo, discurso de discriminação ao próximo. Eu passei por isso, muito forte e marcou na minha vida em 2017, porém isso não significa que todos os brasileiros são preconceituosos, mas em todo o mundo existem pessoas do mal e do bem e a gente tenta lidar a essas situações com sabedoria para poder superar.

# Quando chegou ao Brasil para onde foi? Como conseguiu contato com a Cáritas e como eles te ajudaram?

Dentro do contexto da minha chegada até eu chegar na Cáritas e outras organizações é uma fase que foi muito delicada da minha vida. Encontrei pessoas que diziam querer me apoiar, mas eu vi um outro lado. Conheci pessoas que queriam estender a mão pra mim, mas não sentia segurança e continuei minha vida. Consegui alugar uma casa aqui em São Paulo e comecei do zero, não foi fácil alugar, foi através de pessoas, porque precisa de fiador, documentações, mas tem pessoas que me ajudaram para eu conseguir meu cantinho. Logo depois, eu estava procurando organizações para me regularizar, então um imigrante que conheci na rua me indicou a Cáritas e fui atrás. De primeira não deu certo, segunda tentativa também não deu certo, tinha muita fila, muitas informações, foi um desencontro até eu conseguir ter um diálogo com eles, fazer amizade com a própria organização da Cáritas, conhecer outros refugiados e imigrantes, brasileiros, pouco a pouco fui me adaptando e entendendo onde eu devia ir, o que devia fazer, poupar tempo, polícia federal, foi um aprendizado.

## E como conseguiu o primeiro trabalho?

Comecei trabalhando individualmente, comecei a participar de alguns projetos sociais na construção de eventos, especialmente no SESC, logo depois comecei a trabalhar de motorista particular, depois continuei a me aprofundar no tema para poder

trabalhar com palestras sobre a causa, mundo árabe, guerra da síria, caminho de refúgio, todos trabalhos autônomos, em alguns momentos cheguei a fazer comidas, realizando eventos, basicamente esses caminhos, nada fixo, específico, é questão de você correr atrás, assumir qualquer oportunidade que aparece.

#### Como está sua vida hoje?

Eu abri uma empresa desde 2018, que realiza projetos sociais, culturais, mas o foco deste trabalho são as palestras mesmo. Sou consultor de vários filmes, novela da Globo, trabalho com tradução de árabe para português, tudo ligado com trabalho social, algumas entidades me convidam para participar na construção de alguns eventos, basicamente isso. Junto com um companheiro de luta, refugiado da república democrática do congo africano, construímos uma organização em 2016, hoje essa organização está presente além da sede principal em São Paulo, está presente também em Brasília, Porto Alegre, Florianópolis, Rio de Janeiro e Curitiba. Temos também representantes na Colômbia, França e Argentina. Sou o vice-presidente e meu companheiro o presidente.

Também coordeno o maior projeto esportivo do mundo. Sou coordenador geral da copa do mundo dos refugiados e imigrantes, sou produtor de eventos culturais, produtor de músicos refugiados e imigrantes, fui nomeado no ano passado como consultor da comissão especial de relações internacionais da OAB do estado de SP e esse ano fui nomeado coordenador de comissão de direitos humanos dos imigrantes e combate a xenofobia do governo do estado de SP, que compõe 12 nacionalidades.

Essa é a realidade de um refugiado que teve privilégio por conta de transpiração e luta. Sou consultor principal da novela Órfãos da Terra da Rede Globo, de um filme chamado Alepo, outro filme chamado Ausentes. Desenvolvo muitos trabalhos, mas o objetivo principal é ser frente parlamentar para representar a comunidade dos refugiados e imigrantes na política brasileira. Em 2022 se Deus permitir, lançarei minha candidatura como Deputado Estadual, para defender a causa dentro do parlamentário. Essa é uma história de perseverança, de superação, de uma dor que me transformou para eu poder ajudar outras pessoas.

### Você já pensou em ir para outro país?

Na verdade, sim, estou pensando isso né? Para conseguir me reunir com parte da minha família, mas estou indeciso.

#### O que te chama atenção no Brasil?

Gosto da população, a cultura, apesar dos problemas, dificuldades, aqui as pessoas são muito humildes, amorosas, a diversidade é imensa o povo é alegre.

### Hoje qual é o seu sonho?

Hoje meu sonho é conseguir unir minha família, minhas irmãs para vivermos perto, conseguir no futuro construir uma família, trabalhar nessa causa para poder ajudar mais vidas. Agora estou no caminho de construir minha identidade internacional para ser porta voz dos refugiados e imigrantes.

### Tudo o que aconteceu com você, te deixou mais forte?

O Abdulbaset Jarour morreu na Síria e nasceu no Brasil, com barba, aprendendo a falar e a andar. Tudo que passei com certeza não me deixou só mais forte, mas muito sólido, eu renasci, mudei totalmente, meu olhar, pensar, o jeito de falar, entender as coisas, muitas coisas marcaram e têm também as dores e cicatrizes que são pesadas, mas é preciso enfrentar.

**Manuela Hernández Solano:** Colombiana, 23 anos, atriz independente. Atualmente vive no Maranhão.

## Vocês vieram de qual cidade da Colômbia?

Ibagué.

#### Qual sua profissão?

Sou atriz independente, trabalhei durante quatro anos em uma companhia profissional aqui do Maranhão. Recente sai e estou montando um coletivo, também estou no processo de formação como terapeuta holística.

## Hoje vocês vivem onde?

Eu moro no Maranhão, minha mãe e uma irmã em Piracicaba e as outras duas irmãs em Caraguatatuba.

## Qual sua relação com o Sesc?

Minha relação com o Sesc é que desde que chegamos aqui eles têm um trabalho com os refugiados, então desde pequena eu e minhas irmãs estivemos integradas nesses projetos e recebemos apoio através da Cáritas também, um ajudando o outro. A partir de 2014, eles começaram a promover o sarau dos refugiados, então eu, um amigo sírio e um amigo congolês fomos os primeiros refugiados a participar desse sarau que eles começaram, então a gente levava músicas, poemas, nossos relatos para várias cidades de vários estados, ou então levávamos brincadeiras do nosso país para várias crianças, era muito lindo. Aí esse sarau foi crescendo e hoje eles fazem com vários refugiados, tem um que é só de mulheres refugiadas, é bem interessante. O SESC sempre faz essas parcerias com a gente em projetos sócio-educativos, chamando os refugiados para trabalhar. Tem um projeto bem legal de culinária, onde o refugiado vai conta sua história e faz aquele prato.

#### Você veio para o Brasil com quantos anos tinha?

Vim com quatro anos.

#### Como foi essa vinda de vocês? Quem decidiu?

Primeiro veio minha mãe, ela veio passar as férias com uma tia minha em São Paulo e aí a situação na Colômbia começou a ficar cada vez mais difícil, meu pai estava envolvido em várias coisas, inclusive até hoje a gente não sabe o que é, ele nunca contou direito é uma história distorcida que não dá pra saber a verdade. Então minha mãe veio passar as férias e acabou não voltando. Primeiro trouxe minha irmã do meio, a terceira, porque somos quatro. Depois veio eu e minha segunda irmã, depois veio a mais velha e depois meu pai. Não conseguimos vir juntas, mas viemos todos de avião. Os meus pais eram muito conhecidos, tinham muitos amigos, desenvolveram um trabalho com a igreja menonita, então tinha um suporte de pessoas que ajudaram para conseguir dinheiro, conseguir formas de a gente sair sem ter que vir por terra, sem ter que passar por coisas bem pesadas, como ouço relatos. Então pra gente foi tranquilo vir de avião e ter essa tia que nos acolheu.

### Quando vocês chegaram aqui não tiveram nenhuma ajuda além da sua tia?

A gente teve um tempo que uma pessoa de uma igreja protestante ajudou muito e a ajuda de muitas pessoas em outros aspectos.

#### Qual era o trabalho dos seus pais?

A família da minha mãe era católica e a do meu pai protestante, eram adventistas e minha mãe acabou se envolvendo muito mais com a igreja do meu pai, então eles se casaram, acho que com 22 anos e sempre se envolveram em trabalhos comunitários ligados a essas igrejas, que eram ligadas a igrejas menonitas também. Eles sempre tiveram esses projetos que recebem financiamento de fora, da Alemanha e desses lugares onde estão as igrejas menonitas. Com o tempo eles foram tendo várias ideias divergentes da galera da igreja e foram se afastando cada vez mais e começaram trabalhar em ONGs, até que em 1997 mais ou menos eles começaram a trabalhar em Silvia, um povoado com cerca de 5mil habitantes, próximo da Cordilheira dos Andes e é uma zona que envolta existe várias comunidades indígenas e tem também uma zona de conflito muito forte, então tinham horas que a guerrilha tomava

a cidade e essas comunidades indígenas estavam vulneráveis a tudo isso. Hoje é muito lindo ver essa zona do Cauca, que é o estado onde fica esse povoado, é onde tem o grupo mais organizado de indígenas na Colômbia. Eles têm todo um trabalho de se auto afirmar, de não permitir que os guerrilheiros recrutem indígenas, é um trabalho totalmente estruturado em favor da não violência, se chama CRIC.

## Como foi esse recomeço de vocês aqui?

Minha mãe logo de cara começou a tentar dar aulas de espanhol, depois começou a trabalhar em uma escola de cursos dando aulas, mas ela nunca tinha feito isso e não falava português. Foi um trabalho muito lindo, hoje vejo a forma como ela trabalha, o dinheiro que ela ganha, ela é conhecida e as pessoas indicam.

## E seu pai?

Estou fazendo um documentário sobre a minha história como refugiada, então em minhas pesquisas a fundo para entender minha família, detectei no meu pai uma grande possibilidade dele ter um transtorno narcisista, ele mentia muito, foi através disso que acabamos sendo envolvidas em uma dessas histórias, através da postura que ele tinha com essas relações políticas, nos grupos sociais nos quais ele se envolvia e que a gente não sabe exatamente o que aconteceu. Pelo o que minha mãe me conta eles estavam sempre envolvidos com ONGs de trabalho comunitário com as comunidades indígenas, dentro da linha de prevenção de desastres naturais, auxiliando pessoas que perderam tudo por conta de desastres naturais, teve um caso de um vulcão que entrou em erupção e eles trabalharam na construção das casas dessas pessoas. Ele também trabalhou em várias oportunidades como jornalista, ele não tem faculdade, mas sempre foi desenrolado, também fez cursos de fotografia, massoterapia. Meus pais se separaram e tem uns quatro anos que ele voltou para a Colômbia.

## Você era muito pequena, lembra como foi a adaptação de vocês? Como foi para cada um?

Falando com meu pai esses dias, ele disse que foi difícil para mim e minhas irmãs, mas principalmente as mais velhas que já eram adolescentes, mas eu acho que cada um teve a sua experiência de uma forma e que isso deixou marcas em todos. Eu vejo que minha mãe teve que lidar mais com a questão da dor de deixar uma vida para trás, dessa responsabilidade de ter que construir algo completamente novo em meio ao caos, porque você sai de um trauma de guerra, uma situação de conflito, perseguição e ameaça de morte. Então era algo completamente novo, sem falar o idioma, sem ter referência de nada, vindo dessas relações com as igrejas, trabalhos comunitários, em meio de pessoas que era muito fraterno, das pessoas se ajudarem, serem amigas, ai você chega em uma das maiores metrópoles da América Latina e a realidade não é essa.

E uma coisa que eles tiveram muito, eles romantizavam a Colômbia, então eles não gostavam do Brasil, não gostavam principalmente das atitudes dos brasileiros, eles criaram uma resistência como forma de se defender e preservar essa identidade. Ao mesmo tempo eles se esforçavam para se integrar, minha mãe conseguiu construir uma casa, uma estabilidade, uma vida de classe média. Já dentro da minha experiência, ela está muito mais ligada em não ter referências para consolidar uma identidade, porque tudo que eu conhecia com relação a Colômbia eram essas memórias das minhas irmãs mais velhas e dos meus pais, que eram acompanhadas de muitas saudades, de muitas coisas bonitas que eles contavam, mas ao mesmo tempo de muito peso e muita tristeza por ver aquela situação cada vez pior e de estar longe e não poder fazer nada.

Então eu tinha essa visão romantizada por um lado, criei uma versão dessa identidade de brasileiro por tudo que eles diziam e também me carreguei muito com esse peso deles de frustação, então foi nascendo um sentimento em mim de que essa luta que minha família teve e toda essa situação que estávamos passando caótica e difícil não poderia ser em vão. Então eu tinha a responsabilidade de me envolver em tudo isso também e fazer alguma coisa, desde criança eu tive muito esse sentimento e não tem nada a ver com minha vida necessariamente, mas é um legado que tem

que ser preservado e a gente tem que fazer todo esse sofrimento valer a pena de alguma forma.

Ao mesmo tempo nunca me senti brasileira, pelo menos por uma grande parte da minha vida, porque assumia todo esse conceito que eles criaram e ao mesmo tempo naturalmente o sistema de valores, toda a questão da criação não era o mesmo, a forma de me relacionar com as pessoas, as referências culturais que eu tinha não eram as mesmas. E engraçado é que a maioria das pessoas sempre falam que pelo tempo que estou aqui já sou uma brasileira, mas na verdade nunca me senti assim. Então isso me fez ter um grande conflito com relação a minha identidade, também não tive referências saudáveis dentro de casa com relação aos relacionamentos, afetividade, condutas morais corretas.

Então eu não tive essas referências e fui muito com a ansiedade de encontrar isso no mundo, experimentei tudo que eu achava que poderia me dar uma sensação de acolhimento e de pertencer a algo, eu me entregava, qualquer coisa que me fizesse ter o sentimento de fazer parte de algo de que eu podia lutar por alguma coisa e obviamente não foi saudável e minha vida foi virando uma bagunça, me envolvendo de forma profunda que me fazia mais mal do que bem em vários aspectos, de não saber se envolver com o outro, de chegar em um grupo e querer ser aceito a todo custo e então faz coisas que se sente mal, mas como você não tem uma identidade consolidada você vai fazendo sem saber se é isso mesmo que você quer, você vai vivendo no automático para receber um pouco de afeto.

#### E hoje você consegue se identificar?

Sim, com certeza, mas tive que penar, foram muitos processos e reconheço que foi muita perseverança da minha parte. Já tem mais de três anos que entrei nessa trajetória de estar me desenvolvendo em certos aspectos para conseguir construir isso, compreender, mergulhar profundamente, mas precisei rodar muito por aí. Tanto que quando fiz 18 anos eu queria sair da minha casa, não queria estar lá, não queria nada de ninguém e aí vim pra cá com a desculpa que havia passado na faculdade, mas a verdade é que eu queria ir embora, minha sorte é que eu trabalhava nesses saraus do SESC, então consegui juntar dinheiro e na primeira oportunidade sai.

### Mas então, como se identifica hoje?

Me identifico como filha da terra e para mim esse é o grande presente que toda essa trajetória me traz. Hoje me reconheço como um ser humano que tem toda essa força da natureza, da terra e essa divindade interior que está aí para se expandir e para amar, trazer ensinamentos e receber. Ao mesmo tempo me sinto muito acolhida aqui, se fosse para dizer de onde sou eu acho que sou maranhense.

Você sentiu em algum momento o preconceito por ser de outro país? Porque hoje você fala o português perfeito, não dá para saber que não é daqui.

Na infância sim, tem muito preconceito, não no nível de outras pessoas porque se eu quisesse esconder essa questão do refúgio eu consigo tranquilamente, mas eu nunca quis esconder, mas na escola sempre teve, eu era bolsista em uma escola burguesa, era uma galera difícil de lidar, então também tive muito problema na escola por conta de sempre ser excluída, mal vista e tudo mais. De forma geral comparado com o que outras pessoas sofrem não é algo tão forte. O que eu gosto aqui no Maranhão é que a galera pode até te olhar torto, mas quando eles te conhecem, veem suas atitudes e o que você tem para oferecer, eles vão te acolher completamente, cuidam de você. Me sinto muito acolhida pela comunidade onde moro, os vizinhos se ajudam, sinto que eles gostam muito de mim, então não me sinto diferente e é muito interessante. A minha presença aqui me traz muito essa unificação da minha verdadeira identidade, quando estou aqui me sinto realmente como parte, sendo eu, o que muitas vezes naquela outra realidade em São Paulo eu não era. A liberdade, a espontaneidade de poder ser quem eu sou e não tem mais essa barreira de que estou aqui porque preciso ajudar, não, simplesmente estou aqui porque sou como eles e estamos aprendendo juntos.

### Qual você acha que foi a maior dificuldade de vocês no início?

Eu acho que a questão do idioma, minha mãe sofreu mais com isso, mas também teve a questão financeira, ela trabalhava muito, mas meu pai quem administrava o dinheiro e ele era desorganizado, então passamos dificuldades.

### Como você vê a Colômbia hoje?

Eu acho que a gente está passando por um momento difícil, mas necessário, então ver em até que nível as pessoas estão se organizando e como isso está crescendo é uma indignação muito grande, mas ao mesmo tempo as pessoas estão se organizando para o bem e para o amor e vai além de uma questão política partidária. Realmente as pessoas estão cansadas e elas querem consolidar novos caminhos e os indígenas estão tendo um papel fundamental, estão dando uma lição de comportamento e organização, é muito lindo.

## Você acha que o Brasil tem um programa de acolhimento bem estruturado, vocês são bem acolhidos aqui?

Eu acho assim, esse número aumentou recentemente, então realmente não se tem uma estrutura, é como se tivesse sido pego de surpresa, mas acredito principalmente que o trabalho da Cáritas e do SESC é muito bem feito e ele acolhem de muitas formas, não digo integralmente, mas em muitos aspectos você é acolhido, digo no sentido psicológico, no da alimentação, até pouco tempo tinham parceria com o SENAC, inclusive minhas irmãs chegaram a fazer cursos técnico gratuitamente, é todo um trabalho para tentar te inserir de várias formas. Eu acredito que pelo número de pessoas que tem chegado à realidade não tem sido essa, mas o Brasil de uma forma geral, diversas ONGs e instituições tem tido essa preocupação de estar fazendo esse trabalho de humanizar o refugiado, inserir ele.

## O que você acha que pode ser melhorado?

Eu acho a polícia federal um terror, o acolhimento deles lá, até porque eles não têm formação pra isso, agora estão dizendo que algumas estão tendo funcionários que falam vários idiomas, mas é um processo muito lento. O refugiado chega lá e não entende nada, pedem um monte de papel que ele nem sabe o que é, então esse processo é altamente desgastante e desanimador, precisa humanizar muito mais esse atendimento.

**Migueliz Nazareth Vásquez Alvarez:** Venezuelana, 29 anos, publicitária. Atualmente vive em Rolim de Moura – Rondônia.

### De qual cidade da Venezuela veio?

Caracas.

#### Em que ano veio para o Brasil? Veio só?

Vim em 2017, eu e meu marido, era pra irmos para a Argentina, mas por causa de dinheiro ficamos em Porto Velho mesmo. Meu sogro precisa fazer uma cirurgia, estamos tentando trazê-lo, mas quando juntamos o dinheiro e compramos a passagem veio a pandemia e perdemos, para remarcar cobram uma multa maior do que o valor que pagamos na passagem, então deixamos. Agora estamos juntando novamente para conseguir trazê-lo.

## Qual foi o principal motivo pelo qual resolveu deixar o país?

Em 2016, estavam acontecendo protestos duas ruas depois do nosso trabalho e combinamos que não participaríamos, mas dá muita raiva, muita gente estava morrendo de fome, crianças, muitas vezes indo para o trabalho via pessoas comendo comida do lixo. Então falei para meu marido que precisávamos ir embora, que amanhã poderia ser nós que estaríamos procurando comida no lixo, porque ganhávamos pouco trabalhando com publicidade, já estávamos comendo mal, duas vezes somente para poder comer o resto da semana. Um dia meu marido me ligou quando eu estava saindo do trabalho falando que estava indo pela rua tal e eu então fui indo para encontrá-lo, estava com uma amiga e uma senhora que trabalhava comigo. Quando chegamos próximo dos protestos os guarda dispararam para nossa direção e eu só pensei "morri", meu marido viu quando dispararam era onde eu estava, ele ficou louco pensou que eu já estaria morta. Eu falo que foi um anjo da guarda ou Deus, porque senti um senhor me abraçar dizendo que tudo ficaria bem naquele momento.

Então eles foram embora e eu corri, meu marido me ligou e consegui atender, ele estava de um lado da rua e eu de outro, então ele foi me encontrar e falou que não

protestaríamos mais, muita gente estava expondo sua vida. Decidimos ali que iriamos embora do país, mas não tínhamos o dinheiro. As pessoas estavam entrando nos negócios para roubar remédios, alimentos e então meu marido falou que estava acabado e ali já não teria nada para nós, então combinamos de ir embora em fevereiro. Foram as duas coisas, falta de medicina, remédios e os protestos.

#### Estes protestos ainda são constantes né?

Sim, mas acho que em 2014 foi o mais forte. Depois 2016 que participamos, mas como sempre a oposição acabava negociando com o governo, então muitos desistiram e foram embora. Hoje não fazem tanto, porque as pessoas que faziam não estão mais no país. As pessoas expunham sua vida, muitos jovens e não estava adiantando, depois você ouvia "fulano morreu no protesto", em 2016 acho que foram mortas cerca de 400 pessoas e a maioria eram jovens de 20 ou 25 anos, então pensávamos "vamos morrer e ninguém faz nada".

## Você acha que ainda existem muitos que apoiam esse governo?

Tem, mas poucas. São pessoas que têm alguma relação com o governo, recebem algum benefício dele ou chavistas que acreditam no governo, porque Chaves pediu que votassem em Maduro antes de morrer, mas muitos já falam que ele não presta. Tiro como exemplo a família do meu marido, os tios, são cinco irmãos com um ou dois filhos cada e todos os primos do meu marido estão fora do país, só ficou uma. Ontem estávamos falando com ela sobre isso e ela disse que quando eu e meu marido casamos quase todos estavam lá, mas hoje só ficou ela e o marido, sua mãe e a mãe do meu marido, todos foram embora. Apesar disso, ele tem dois tios que ainda acreditam no governo.

### Como se sentiram ao chegar aqui? Como foi esse processo?

Saímos de Caracas na Venezuela no dia 08 de fevereiro de 2017 e dia 09 chegamos em Pacaraima, onde passamos uma semana. Todo o dinheiro que juntamos para vir para o Brasil estava no banco e não podíamos sacar, porque era

carnaval. Então fomos para Boa Vista, onde graças a Deus uma amiga cedeu hospedagem. Depois fomos até Manaus, pegamos um barco, a viagem durou 5 dias, estávamos bem assustados, Manaus com chuva, era muito perigoso. Chegamos em Porto Velho, ficamos desempregados por três meses, vendemos água e brownie na rua, até que um dia ligaram para meu marido ir trabalhar em uma gráfica muito bacana.

Meu marido é Relacionista Público e ele conseguiu emprego na sua área, então eu resolvi procurar na minha também que é publicidade. Procurei por quatro agências publicitárias e me ligaram de três, mas a primeira entrevista que fiz já fiquei, porque fiquei apaixonada pela agência. Ficamos dois anos em Porto Velho, mas depois começaram os problemas com os Venezuelanos, tem gente boa e gente ruim em todo o mundo, mas quando vão falar de estrangeiro não dizem "o menino fez tal coisa", mas sim "o venezuelano fez tal coisa" e aí tudo ficou muito ruim em Porto Velho.

#### A xenofobia lá é muito forte?

Eu e meu marido nunca passamos por xenofobia, mas tivemos amigos e conhecidos que sim, mas é por causa de muitos venezuelanos que fazem coisa errada. Falam muito dos venezuelanos que fazem coisas ruins, mas não falam dos que fazem coisas boas. São muitos venezuelanos engenheiros, publicitários, médicos, todos trabalhando, mas tem os que fazem mal, era muita delinquência, ficamos com medo e decidimos sair da cidade. Um amigo falou que havia um lugar muito bacana, que teria emprego, poucos venezuelanos e então viemos, já fazem dois anos e tudo foi melhorando. Aqui onde moramos, meu marido conseguiu um emprego rápido, chegamos dia 01 de novembro e no dia 15 ele estava trabalhando em uma empresa de internet. Depois decidimos abrir um empreendimento de sobremesas, estava indo bem, mas veio a pandemia e precisamos fechar. Ele também foi demitido e as coisas ficaram muito difíceis. Agora ele já está trabalhando, graças a Deus e eu também, traduzindo espanhol para uma escola de cursos em São Paulo.

# Por não serem nativos, não tiveram nenhum tipo de auxílio do governo durante a pandemia?

Quando fizemos os documentos foi muito rápido, quando chegamos em Porto Velho em 2019 foi tudo muito rápido, em três dias tínhamos CPF, hoje demora, mas em 2019 foi rápido. Então, quando tudo ficou difícil aqui onde moramos, nos falaram de uma ajuda com uma cesta verde, oferecida duas vezes ao mês, com frutas e verduras. Também recebemos por dois meses cesta básica e ajudou muito. O auxílio emergencial quando saiu não recebemos porque eu estava recebendo seguro desemprego e meu marido ainda trabalhando na época, depois acabou o seguro e me cadastrei de novo, mas nunca recebi, sempre dizia que eu estava recebendo seguro. Também não insisti porque tinham pessoas muito piores do que nós, com crianças e sem nada.

#### Seus familiares ainda estão na Venezuela?

Sim a família dos dois. Tenho minha mãe e uma irmã com três filhos, minha mãe disse que não viria e deixaria a outra filha, agora tentaremos trazer meu sogro por causa da cirurgia.

### E como eles estão vivendo, a situação continua a mesma?

Continuam como sempre as duas realidades, alguns morrendo no hospital, não tem medicina, não tem algodão, nada, mas também tem aqueles que estão na praia, no shopping. Para nossa família não está bom, mas também não está muito ruim, eles ainda têm o que comer, mas a situação da saúde está precária. Minha mãe é hipertensa e não consegue as medicações porque são muito caras, o pai do meu marido também.

#### Vocês vieram para o Brasil sem falar ou entender nada em português?

Sim, a única coisa que aprendemos falar foi: "Eu sou estrangeiro, não falo português, mas se você falar devagar eu posso entender". O meu marido hoje se você

falar com ele pergunta se ele realmente é estrangeiro, porque ele fala muito bem eu já falo portunhol, mas quando chegamos não falávamos nada.

## Vocês procuraram ajuda de alguma instituição como a Cáritas, por exemplo?

Não, o que fizemos foi um curso de português para estrangeiros na IFRO (Instituto Federal de Rondônia). Aí tinham haitianos, um cubano e venezuelanos, aprendemos o básico mais a escrita né, depois nos mudamos e não fiz mais. Consigo escrever e entendo o português, meu problema é falar.

### Qual foi a maior dificuldade que encontraram quando chegaram aqui?

Quando chegamos em Porto Velho a questão do português não foi tão ruim, porque ainda não tinham tantos problemas com os venezuelanos, então quando pedíamos alguma orientação se esforçavam para entender. O grande problema inicial foi conseguir emprego, porque como não falávamos o português tínhamos que procurar qualquer trabalho. Meu marido entregou currículo em padaria, lojas, em tudo. Um dia ainda sem emprego, vendendo água no sinal, nunca vou me esquecer, ele disse "só tenho dois reais, vou imprimir currículos e vou entregar para vagas na minha área dessa vez". Deixamos um currículo em uma gráfica ali perto e em cinco dias o dono ligou pra ele, então pensei, também vou entregar na minha e assim fiz. Entreguei meu currículo em quatro agências de publicidade e três me ligaram, mas a primeira que fiz entrevista já figuei por um ano e quatro meses.

#### Ainda não falavam o português?

Não, quando você tem necessidade você procura entender, entendia uma ou duas palavras, meu marido já entendia melhor. Então como disse na entrevista para meu chefe, na publicidade eu mecho muito com estatística, então se tem uma coisa que não tem idioma são os números, não preciso tanto do idioma, preciso conhecer os números, então ele disse: "Está contratada".

## Mesmo assim deve ter precisado em algum momento do português, como foi?

Usava muito o Google Tradutor e tinha uma menina que ficava junto comigo, ela dizia que sabia o que era ser estrangeiro, porque ela é de outra região do Brasil, então ela falava que eu aprenderia e o que precisasse ela ajudaria, me ajudou muito. Eu usava o google tradutor e passava para ela me orientar onde tinha virgula, onde não tinha e fui aprendendo. Aprendi muito com eles, aprendi a escrever, aprendi muito da cultura de Rondônia, que é diferente. Conheci a tapioca, açaí, o tereré.

### No trabalho enfrentou alguma situação de xenofobia?

Somente uma vez no trabalho, um garoto falou: "Tantos brasileiros precisando de trabalho e oferecem a vaga para uma venezuelana". Meu chefe disse a ele: "Essa venezuelana tem estudo e anos de experiência, aqui só vem gente que não tem tanto estudo e experiência".

### Vocês já pensaram em sair do Brasil?

Nós junto com outro venezuelano, meu melhor amigo que mora aqui perto, compramos um terreno para construirmos duas casas, temos planos de ficar, mas temos medo de que o socialismo volte e que um dia o Brasil fique igual a Venezuela. Muitos dizem que não, que o Brasil não é a Venezuela e não vai acontecer, mas a gente pensa "nós também falávamos que Venezuela não era Cuba e não aconteceria, mas aconteceu".

## Tudo piorou muito depois da morte do Chaves?

Sim, o Chaves era péssimo, mas era muito inteligente, então se faltava algo no país ele fazia convênios com outros países e procurava resolver, uma gestão ruim, mas quando ele morre e Maduro assume, ele não tinha contatos, muitos países deixaram o socialismo e ele foi perdendo aliados e tudo piorou mais rápido. A CIA está oferecendo 15 milhões de dólares para quem disser onde está maduro.

#### Você acredita que o Brasil recebe bem os refugiados?

Acho que sim, tentam ajudar, mas muitos venezuelanos também tentam aproveitar. Existem instituições boas como a Cáritas, mas acho que precisam melhorar as políticas de segurança, precisam saber quais são os venezuelanos bons que vieram para trabalhar e quais são os ruins que fizeram algo errado lá. Por exemplo, quando você vai para a Argentina você precisa retirar os antecedentes criminais. Logo vai predominar os ruins, como em Boa Vista, Porto Velho, precisam saber quem são esses que estão vindo só para ferrar o país.

# Vocês já se sentiram prejudicados por conta da fama dos venezuelanos na região em que vive?

Não diretamente, mas por exemplo, faz uma semana que fomos em uma costureira consertar uma roupa e ela disse que não gostava de venezuelanos, porque muitos levam as roupas e depois não pagam. Meu marido falou que existem pessoas e pessoas e pagou adiantado. Então assim, não afeta muito, mas afeta. Aqui existem dois supermercados que não contratam venezuelanos, porque a dona ajudou muito um deles, deu comida, emprego, casa, tudo e ele roubou ela, pegava mercadorias do mercado e vendia na rua. Logo nenhum mercado vai querer contratar venezuelanos aqui. O brasileiro precisa entender, se você compra um pacote de biscoito e um vem quebrado, você não vai jogar o pacote todo no lixo. O mesmo com as pessoas, se você conhece uma ruim não tem que acreditar que todas são.

## Você acha que esses venezuelanos agem assim porque estão de alguma maneira revoltados?

Não vou generalizar, mas a maioria das pessoas da geração Chaves aprenderam a fazer coisas ruins, como "ah, vou roubar um telefone e não serei preso, porque eu precisava", mas aqui existem venezuelanos bons, ocupando bons cargos em empresas e trabalhando muito, mas as notícias não falam do venezuelano bom, fala do ruim, porque é o que vai dar mais visualizações. O governo venezuelano ensinou o povo a ficar dependente, eu tenho 29 anos, as pessoas que foram criadas

na era do Chaves, não sabem o que é trabalhar. Em Porto Velho, muitos venezuelanos nos paravam perguntando onde ficava a Cáritas, porque queriam que pagassem passagens para outras cidades e nós falávamos, mas a Cáritas presta um apoio, não tem que te oferecer tudo, eles dizem que é o dever deles. Essas pessoas querem que o governo dê casa, roupa, trabalho, são venezuelanos criados no governo Chaves.

#### **ANEXOS**



## AUTORIZAÇÃO

Eu <u>Tamires Aparecida Ferreira Souza</u> abaixo assinado, autorizo <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC — Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos.

Ribeirão Preto, 16 de setembro de 2021.



Eu Danilo Garnica Simini abaixo assinado, autorizo Franciele Cristina Jaqueta Ferreira, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL e está sendo orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos.

Ribeirão Preto, 22 de setembro de 2021.

**DANILO GARNICA** SIMINI:35083064880 Versão do Adobe Acrobat Reader:

Assinado de forma digital por DANILO GARNICA SIMINI:35083064880 Dados: 2021.09.22 14:46:50 -03'00' 2021.007.20091



Pelo presente instrumento, eu <u>Raphael Douglas Macieira dos Santos</u>, abaixo firmada e identificada, autorizo, <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC — Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR: HISTÓRIAS</u> <u>E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 20 de outubro de 2021.

Assinatura:	Kaphael	Macieira	
Assiriatura			



Eu <u>Raphael Douglas Macieira dos Santos</u> abaixo assinado, autorizo <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo <u>Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos</u>.

Ribeirão Preto, 20 de outubro de 2021.



#### <u>AUTORIZAÇÃO</u>

Pelo presente instrumento, eu <u>Omar Atbai</u>, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo <u>Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos</u>.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 27de agosto de 2021.

	Omar	
	SIGNED VIA ILOVEPDF F8363EA8-B4E6-40AB-AC52-E27EE75CB684	
۸: <del>۱</del> ۰۰ - ۰۰۰ - ۰		
Assinatura:		



Eu <u>Omar Atbai</u>, abaixo assinado(a), autorizo <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo <u>Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos</u>.

Ribeirão Preto, 27 de agosto@e-2021.

SIGNED VIA ILOVEPDF



Pelo presente instrumento, eu <u>Chidelson Philippe</u>, abaixo firmado e identificado, autorizo, <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo <u>Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos</u>.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 04 de setembro de 2021.

Assinatura: _	Chidelson Philippe	
, toomatara	CONTROLLING TO TOTAL MINE OF SECURIOR STATE OF THE SHIPPER OF THE	



Eu <u>Chidelson Philippe</u> abaixo assinado, autorizo <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC

- Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR:</u>

<u>HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo <u>Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos</u>.

Ribeirão Preto, 04 de setembro de 2021.

Chidelson Philippe



Pelo presente instrumento, eu <u>Abdulbaset Jarour</u>, abaixo firmado e identificado, autorizo, <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC — Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo <u>Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos</u>.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem em fotografias, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público.

Ribeirão Preto, 25 de setembro de 2021.

Assinatura:



Eu <u>Abdulbaset Jarour</u> abaixo assinado, autorizo <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC

- Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR:</u>

<u>HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo <u>Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos</u>.

Ribeirão Preto, 21 de setembro de 2021.



Pelo presente instrumento, eu <u>C Ayu Manuela Hernández Solano</u>, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC — Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo <u>Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos</u>.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 12 de setembro de 2021.

Assinatura:	Cayu Manuela Hermandiz	

ωI



Eu <u>C Ayu Manuela Hernández Solano</u>, abaixo assinado, autorizo <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC — Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo <u>Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos</u>.

Ribeirão Preto, 12 de setembro de 2021.



Pelo presente instrumento, eu <u>Migueliz Nazareth Vásquez Alvarez</u>, abaixo firmada e identificada, autorizo, <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC — Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo <u>Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos</u>.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 25 de setembro de 2021.

Assinatura: Migueliz Vásquez	z Vásquez
------------------------------	-----------



Eu <u>Migueliz Nazareth Vásquez Alvarez</u> abaixo assinado, autorizo <u>Franciele Cristina Jaqueta Ferreira</u>, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC — Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: <u>RECOMEÇAR: HISTÓRIAS E RELATOS DE REFUGIADOS QUE VIVEM NO BRASIL</u> e está sendo orientado pelo <u>Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos</u>.

Ribeirão Preto, 25 de setembro de 2021.

Migueliz Vásquez